



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

**O ENSINO DA DANÇA DE SALÃO EM OUTROS NÚCLEOS EDUCATIVOS:
REFLEXÕES SOBRE A INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA**

Daniel de Oliveira Araújo

CAMPINA GRANDE – PB
DEZEMBRO/2014

Daniel de Oliveira Araújo

**O ENSINO DA DANÇA DE SALÃO EM OUTROS NÚCLEOS EDUCATIVOS:
REFLEXÕES SOBRE A INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA**

*Trabalho de Conclusão de Curso – TCC
(Monografia) apresentado à Universidade Estadual
da Paraíba em cumprimento à exigência para a
obtenção do grau de Licenciatura Plena em
Educação Física, na Universidade Estadual da
Paraíba-UEPB.*

CAMPINA GRANDE – PB
DEZEMBRO/2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A659e Araújo, Daniel de Oliveira.

O ensino da dança de salão em outros núcleos educativos [manuscrito] : reflexões sobre a intervenção pedagógica / Daniel de Oliveira Araújo. - 2014.

55 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2014.

"Orientação: Profa. Dra. Elaine Melo de Brito Costa, Departamento de Educação Física".

1. Dança de salão. 2. Ensino da dança. 3. Educação formal.
4. Educação não-formal. I. Título.

21. ed. CDD 792.62

Daniel de Oliveira Araújo

**O ENSINO DA DANÇA DE SALÃO EM OUTROS NÚCLEOS EDUCATIVOS:
REFLEXÕES SOBRE A INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA**

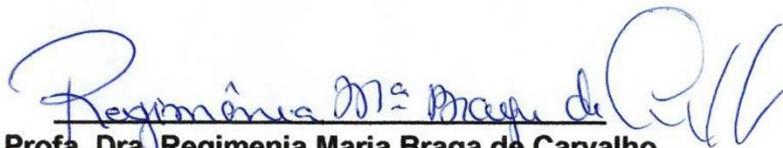
*Trabalho de Conclusão de Curso – TCC
(Monografia) apresentado à Universidade Estadual
da Paraíba em cumprimento à exigência para a
obtenção do grau de Licenciatura Plena em
Educação Física, na Universidade Estadual da
Paraíba-UEPB.*

Aprovado em 05/12/2014

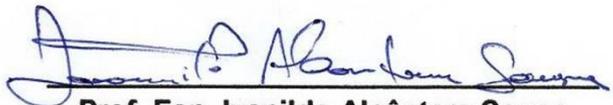
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Elaine Melo de Brito Costa
Orientadora – DEF/UEPB



Profa. Dra. Regimônia Maria Braga de Carvalho
Membro Examinador – DEF/UEPB



Prof. Esp. Ivanildo Alcântara Sousa
Membro Examinador – DEF/UEPB

À minha esposa, Roberta de Oliveira Soares, o maior presente de Deus, que por diversos momentos foi a minha maior motivação para não desistir nas horas mais difíceis, dando um exemplo de vida de amor e zelo pela missão de ensinar dança, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Sem dúvida alguma os primeiros agradecimentos são para Deus Pai, Filho e Espírito Santo, que hoje, mais do que nunca se tornaram o meu refúgio e a minha fortaleza, onde busquei toda força para prosseguir mesmo nos momentos em que sozinho achei que não fosse possível.

A todos da minha família, carinhosamente ao meu irmão e sua esposa e minhas irmãs, pela força e encorajamento para a realização e alcance de mais um objetivo e por todo amor e carinho depositados em mim.

À minha mãe por sempre me encorajar, orientar e acreditar que eu seria capaz depositando amor e carinho na vontade de me fazer acreditar no objetivo de me tornar um professor de dança devidamente graduado.

Ao meu pai (*in memoriam*), embora fisicamente ausente, sinto sua presença ao meu lado, dando-me força e que mesmo sendo muitas vezes calado percebia no seu olhar sereno e nas poucas falas que torcia e acreditava que eu seria capaz.

À minha sogra, por ter sido uma das primeiras pessoas a acreditar no meu futuro como professor de dança dando-me a oportunidade de dar-lhe aulas particulares e sempre motivada, mostrava-me que eu deveria investir no estudo e pesquisa nessa atividade.

Aos profissionais e amigos da escola de dança de salão da qual faço parte, por confiar e compartilhar momentos em aula que tornaram o ensino da dança cada vez mais intenso e dedicado.

À professora e orientadora Dra. Elaine Melo de Brito Costa, pela paciência, pelo compromisso e amizade, oferecendo-me seu tempo, carinho, conhecimento e encorajamento que foram muito importantes durante todo o processo de conclusão de curso.

Aos demais professores e profissionais do departamento de Educação Física, em especial à professora Dra. Regiménia Maria Braga de Carvalho e Prof. Esp. Ivanildo Alcântara Sousa por terem aceitado fazer parte da banca e pelas contribuições, todos auxiliaram cada qual ao seu modo, para a conclusão dessa etapa.

Aos funcionários da UEPB, em especial a Alan Berg, da secretaria do departamento de Educação Física, pela presteza e atendimento quando nos foi

necessário e aos estimados funcionários do almoxarifado Paulinho e Tanana, carinhosamente chamados por todos nós alunos.

Aos amigos da minha turma de 2009.1, pois foi com eles que iniciei todo processo de graduação, todos fizeram parte da minha trajetória até o final do curso.

RESUMO

Este estudo que se caracterizou como descritivo, teve como objetivo analisar e discutir os fatores nos quais o ensino da dança de salão hoje está envolto. É comum identificar o ensino e a prática da dança de salão como uma atividade lúdica baseada na repetição de passos para uma boa execução destes em festas. O ensino da dança na atualidade se dá em diferentes espaços além da escola (educação formal), em clubes, comunidades de bairro, academias de ginástica e escolas específicas de dança (educação não-formal). No ambiente escolar (educação formal), alguns dos objetivos a serem alcançados com a dança já estão preestabelecidos numa forma estruturada de ensino/aprendizagem norteada, por exemplo, pelos PCN's de Educação Física e de Artes, que apontam ao professor desde aspectos para o planejamento de suas aulas de tal forma que na sua prática pedagógica ele possa buscar caminhos e ferramentas necessários para atingir o fim contemplado. E o ensino da dança fora da escola? Qual o norteador? Tais indagações foram construindo o objetivo central desse trabalho que é apresentar e discutir apontamentos pedagógicos que possam nortear a prática do professor de dança de salão na educação dita não formal. Trazer essa discussão a partir de contextos vivenciados durante anos de ensino da dança de salão na educação não-formal pode contribuir no exercício de ser professor não somente na educação formal, fortalecendo assim, discussões em torno da dança, do ensino e do espaço onde é vivenciada. O estudo abre a possibilidade de (re)configurar o olhar sobre as escolas de dança, sua função social e o fazer pedagógico. Este trabalho traz à reflexão em sua própria intervenção pedagógica no campo da dança de salão possa contribuir com a prática profissional daqueles que também estão em outros espaços educativos, como as escolas específicas de dança, diante da necessidade de pensar sobre o saber/fazer, na busca incessante pelo conhecimento que nunca está fechado em si mesmo, na função de também educar e contribuir na formação e desenvolvimento de seus alunos.

Palavras-chaves: dança de salão, professor, ensino, formal/não formal.

ABSTRACT

This study was characterized as descriptive, aimed to analyze and discuss the factors on which the teaching of ballroom dancing is now wrapped. It is common to identify the teaching and practice of ballroom dancing as a leisure activity based on the repetition of steps for a smooth implementation of these at parties. The dance education today takes place in different spaces beyond school (formal education), in clubs, neighborhood communities, gyms and dance schools specific (non-formal education). In the school environment (formal education), some of the objectives to be achieved with the dance are already present in a structured way of teaching / guided learning, for example, the NCP's of Physical Education and Arts, pointing to the teacher from aspects of planning of their classes so that in their teaching he can find ways and tools necessary to achieve the purpose contemplated. And the dance education outside of school? What the guiding? Such inquiries were building the main objective of this work is to present and discuss pedagogical notes that can guide the practice of ballroom dance teacher in non-formal education said. Bringing this discussion from experienced during years of teaching contexts of ballroom dancing in non-formal education can contribute in the exercise of being a teacher not only in formal education, thus strengthening, discussions around dancing, teaching and space where it is experienced. The study opens the possibility of (re) set the look on the dance schools, its social function and the pedagogical practice. This work brings to reflect on their own pedagogical intervention in the field of ballroom dancing can contribute to the professional practice of those who are also in other educational spaces, such as the specific dance schools, given the need to think about knowing / doing in unceasing quest for knowledge that is never closed in itself, the function also educate and contribute to the training and development of its students.

Keywords: ballroom dancing, teacher, teaching, formal / non-formal.

SUMÁRIO

1. Introdução	11
2. Fundamentação Teórica	18
2.1. Dança de salão: um olhar sobre o espaço.....	18
3. Descrição, Análise e discussão sobre a experiência de ensino	24
3.1. Escola de dança: núcleo educativo, espaço de formação.....	24
3.2. O ser professor de dança em outros núcleos educativos.....	32
3.3. Conteúdos e estratégias metodológicas.....	38
4. Considerações finais	53
5. Referências	55

1. Introdução

No início dos anos noventa comecei a envolver-me com a dança por uma necessidade muito pessoal: o entrosamento com outras pessoas. Como ainda não sabia dançar sentia-me excluído do rol das pessoas com quem convivi naqueles anos. Foi um período em que o ritmo e a dança *lambada* começavam a ocupar os primeiros lugares em execução nos programas de rádio e de TV. A dança *Lambada* havia se tornado uma “febre” entre os adolescentes e jovens e um outro ritmo também estava sendo muito apreciado, o Carimbó na década de 90. Como havia desenvolvido a habilidade de dançar esses ritmos, as pessoas começaram a querer que eu as ensinasse a dançar também. Foi nesse contexto que fui convidado para dar aula de dança.

Já na segunda metade dos noventa, tive a oportunidade de ingressar em uma companhia de dança de salão vinculada ao Teatro Elba Ramalho, pela Fundação Artístico Cultural Manoel Bandeira (FACMA), hoje inativo, denominada de Balé do Teatro Elba Ramalho. Nesse período tive o primeiro contato com alguns ritmos denominados de dança de salão.

Estudos denotam que o termo dança de salão se deve ao espaço em que se é praticada a dança remetendo a influência da cultura europeia no que condiz ao termo à dança de casal no Brasil. Também chamada de dança social ou dança aos pares, a origem do termo: dança de salão, surge na Europa na época do Renascimento (séculos XIII a XVII) e os ritmos que eram dançados naquele continente chegaram ao Brasil, principalmente, pelos portugueses.

A dança de salão é a arte de dançar a dois, no desenvolvimento de movimentos expressivos. Nas escolas de dança percebe-se uma busca desta modalidade motivada por diferentes aspectos: lazer, atividade física, terapêutica, e ainda, a profissionalização.

Vecchi (2006) afirma que a dança de salão pode ser reconhecida também como dança social, uma vez que a representação da diversão foi o primeiro objetivo da sua prática quando dançada pela nobreza. E, segundo Gaspari (2005), a dança de salão surge quando as danças deixam de ser dançadas apenas em aldeias e passam a ser apresentadas em salões da nobreza real.

Um conceito defendido por Zamoner (2005 p.52) trata a dança de salão como a arte de interpretar a música através de movimentos dos corpos de um casal, quando o cavalheiro atrai a dama a realizar movimentos. Percebe-se aqui um tratamento mais específico em torno do termo dança de salão abrangendo a dança em casal, a condução e a música. A questão do termo “salão” pode ser vista como uma reminiscência, uma vez que, hoje se dança também em outros ambientes, até mesmo em palcos.

A dança de salão está presente há mais de quinze anos na minha vida, e quando convidado a dar aula de dança pela primeira vez senti naquele momento, mesmo sem ter a ideia de que acabaria buscando uma graduação em licenciatura, a necessidade de estudar, pesquisar, sobre esse campo de conhecimento que é a dança de salão.

Refletir sobre o ensino da dança hoje abrange vários campos de conhecimento tais como a educação, arte, saúde, psicologia, entre outros. E em se tratando especificamente da dança de salão, não poderia ser diferente. É comum identificar o ensino e a prática da dança de salão como uma atividade lúdica baseada na repetição de passos para uma boa execução destes em festas, para os que convivem com a dança de salão, nos bailes.

Muito comum também é a atuação do profissional que apenas reproduz a sua vivência com a dança de salão, deixando a desejar em conhecimentos que fomentem a prática desse ensino. Daí a preocupação no tocante a formação acadêmica do professor de dança para que sua atuação possa ser ampliada no que diz respeito ao conteúdo, a metodologia e a didática aplicada em cada aula.

A presença da dança de salão em programas televisivos causa cada vez mais interesse do público em geral pela busca do aprendizado da dança de salão. Isso faz com que escolas de dança e academias de ginástica aumentem o número de alunos. Porém, em alguns casos, o foco da rentabilidade de tais instituições deixam escapar, por acreditar não ser sua função social e o seu cliente não estar interessado, nas reflexões que podem surgir em 5 minutos: o destaque destes programas aonde após uma semana ou menos de ensaios os participantes apresentem uma seqüência coreográfica de um estilo de dança, como é o caso do

Domingão do Faustão com o quadro “Dança dos Famosos” da Rede Globo e o programa “Se Ela Dança. Eu Danço” do SBT.

Tal reflexão pode-se dar pelas indagações do tipo: os participantes desses programas aprenderam realmente a dançar ou apenas decoraram uma sequência de movimentos (coreografia) para uma apresentação? Se eles estiverem em uma festa conseguirão dançar outros ritmos? A dança se caracteriza apenas pela movimentação dos corpos ao som de uma música?

Há também programas dessas mesmas e de outras emissoras que já abordaram os benefícios da dança de salão para a saúde do ser humano entorno dos aspectos físicos e psíquicos, a exemplo da melhoria das relações interpessoais, auto-estima, perda de peso, boa postura, etc. Dentre estes o “Hoje em dia” da rede Record e “Encontro com Fátima Bernardes” também da rede Globo.

O ensino da dança na atualidade se dá em diferentes espaços além da escola (educação formal), em clubes, comunidades de bairro, academias de ginástica e escolas específicas de dança (educação não-formal). É importante refletir que para tais terminologias (formal, não-formal), embora se reconheça seu limite, como também a crítica do que vem a ser formal e não-formal, ainda não se elegeu outra para distingui-los, dessa forma no que condiz a forma de educação/ensino, são as que mais se enquadram enquanto características físicas e estruturais.

Pesquisadores da área da educação relatam que ações no campo da educação não formal há tempo se desenvolvem no Brasil, sem, no entanto, denominá-las com essa terminologia, utilizando, muitas vezes, termos como: educação alternativa, educação complementar, jornada ampliada, educação fora da escola, projetos sócio-educativos, contra-turno escolar, segundo horários e outros.

Para entendermos essas terminologias é importante destacarmos as especificidades de cada tipo de educação: formal e não formal. Afonso (1989, p. 78) trata a educação formal como um tipo de educação organizada com uma determinada seqüência sendo, esta, proporcionada pelas escolas, enquanto que a educação não formal, embora obedeça também a uma estrutura e uma organização (distintas, porém, das escolas) e que possa levar a uma certificação (mesmo que não seja essa a finalidade), diverge ainda da educação formal no que respeita a não

fixação de tempos e locais e ainda à flexibilidade na adaptação dos conteúdos de aprendizagem a cada grupo.

O termo “educação” tem origem no verbo latino *educare*, que significa alimentar, criar. Ou ainda: fazer sair, conduzir para fora, no sentido de estimulação, liberação de forças latentes. A educação precisa estar fundamentada em princípios, em conceitos que a direcionem (Luckesi, 1994). De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996), Art. 1º, “A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”. Nestes termos, podemos ver a compreensão de que o ensino da dança de salão é um processo educativo.

A ciência e a arte da educação é a Pedagogia (Haidt, 1994), “um campo de conhecimento que investiga a natureza e as finalidades da educação” (Libâneo, 1992). Portanto, para este mesmo autor, cabe ao professor, independente do objetivo de seu ensino, apropriar-se do conhecimento da pedagogia. Já a didática, é o principal ramo de estudos da Pedagogia.

Os elementos mais discutidos da didática são: planejamento, execução e avaliação (Luckesi, 1994). Nessa perspectiva, o professor precisa dominar tais conhecimentos para que a relação deste com o aprendiz seja pautada com fins claros de conteúdos e harmoniosa durante a convivência com o grupo durante o processo de ensino.

A busca pela qualidade e competência em seu ofício é característica de qualquer bom profissional. Para Zabala (1998), o professor deve criar uma espécie de avaliação do seu próprio trabalho pedagógico que seja capaz de trazer subsídios para a análise da prática profissional. O autor nos traz como reflexão uma interpretação, que se contrapõe àquele em que o professor é um aplicador de fórmulas herdadas da tradição, fundamentando-se no pensamento prático e na capacidade reflexiva do docente. Aconselhando assim, uma constante avaliação do trabalho por parte do profissional.

Por outro lado as modalidades educacionais diferenciam-se pela relação de presença ou ausência de uma ou outra característica física, entretanto elas apresentam um elemento em comum que é a intencionalidade da ação educativa. Essa educação intencional subdivide-se devido à diferença entre os níveis de sistematização e institucionalidade de suas experiências no processo de ensino/aprendizagem, dizem ensino formal ou ensino não formal.

No ambiente escolar (educação formal), alguns dos objetivos a serem alcançados com a dança já estão preestabelecidos numa forma estruturada de ensino/aprendizagem norteada, por exemplo, pelos PCN's de Educação Física e de Artes, que apontam ao professor desde aspectos para o planejamento de suas aulas de tal forma que na sua prática pedagógica ele possa buscar caminhos e ferramentas necessários para atingir o fim contemplado.

E o ensino da dança fora da escola? Qual o norteador? Tais questões me inquietam, e ao mesmo tempo, refletindo minha própria trajetória na dança e formação no curso de licenciatura em Educação Física, foram constituindo o **objetivo central** deste trabalho: apresentar e discutir apontamentos pedagógicos que possam nortear a prática do professor de dança de salão na educação não-formal.

Dessa forma, as questões de estudo foram: ***“o que é ser professor de dança de salão em outros espaços/núcleos educativos?”*** ***“Qual a função social da escola de dança?”***, ***“Quais apontamentos pedagógicos podem nortear o ensino da dança de salão em outros espaços/núcleos educativos?”***

O presente trabalho torna-se relevante por refletir sobre o ensino da dança fora da escola, ou seja, fora da educação básica, a partir do enfoque pedagógico e da função social da escola de dança, na educação não-formal. Acredita-se ser pertinente a discussão de ser professor e sua intervenção em diferentes espaços ou campos de intervenção, sem deter-se ao debate do que é formal ou não formal, mas entendendo que em qualquer espaço de intervenção no ensino da dança, ela é pedagógica.

Sendo assim, a importância desse trabalho ora apresentado alinha-se ao desejo de poder compartilhar experiências, refletir sobre elas e apontar perspectivas para o ensino da dança de salão em outros espaços que também podem ser

educativos, no entendimento deste estudo, como é o caso das escolas de dança. Portanto, este estudo traz a discussão e reflexão de uma prática de intervenção pedagógica da dança, fora da escola formal.

Trazer essa discussão a partir de contextos vivenciados durante anos de ensino da dança de salão na educação não-formal pode contribuir no exercício de ser professor não somente na educação formal, fortalecendo assim, discussões em torno da dança, do ensino e do espaço onde é vivenciada. O estudo abre a possibilidade de (re)configurar o olhar sobre as escolas de dança, sua função social e o fazer pedagógico.

O estudo é de natureza qualitativa e caracteriza-se como uma pesquisa descritiva, do tipo estudo de caso. Descreve uma experiência, uma situação, um fenômeno ou processo nos mínimos detalhes. De acordo com Gil (2008), as pesquisas descritivas possuem como objetivo a descrição das características de uma população, fenômeno ou de uma experiência. Por exemplo, quais as características de um determinado grupo em relação a sexo, faixa etária, renda familiar, nível de escolaridade etc. Ao final de uma pesquisa descritiva, você terá reunido e analisado informações sobre o assunto pesquisado. A diferença em relação à pesquisa exploratória é que o assunto pesquisa já é conhecido. A grande contribuição das pesquisas descritivas é proporcionar novas visões sobre uma realidade já conhecida.

O estudo acontece num ambiente sócio educativo onde as prerrogativas que começam a delinear a ação, intervenção pedagógica, se alinham e se ajustam conforme o convívio dos alunos durante as aulas, e através da observação sistemática durante alguns anos e da auto-reflexão do professor perante o anseio e desejos dos alunos com relação a sua ação educativa. Ainda segundo GIL (2008), o estudo de caso vem sendo utilizado com frequência cada vez maior pelos pesquisadores sociais, visto servir as pesquisas com diferentes propósitos, tais como: a) explorar situações de vida real cujos limites não estão claramente definidos; b) descrever situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação e, c) explicar as variáveis causais de determinado fenômeno em situações muito complexas que não possibilitam a utilização de levantamentos e experimentos.

As etapas no estudo descritivo dialogam entre si. No estudo foram elas: 1) descrição da experiência da intervenção pedagógica em outro núcleo educativo, relatando situações, ora cotidianas, ora específicas ocorridas durante as aulas de dança de salão no convívio entre alunos/alunos, alunos/professores; 2) identificação e elaboração de um método de ensino que contemple não só a satisfação dos aprendizes dançarinos enquanto técnicas de movimentos de dança, mas que fomenta a construção do conhecimento acerca dos aspectos teóricos, históricos, sociológicos e artísticos da dança de salão; 3) análise e discussão da metodologia utilizada na intervenção pedagógica durante dez anos como forma de evidenciar o desenvolvimento sistemático e gradativo das turmas no que diz respeito aos conteúdos.

O presente trabalho baseado na minha experiência de ensino, elegeu como eixos centrais de discussão: **1. Escola de dança: espaço de formação; 2. O ser professor em outros núcleos educativos; 3. Conteúdos e estratégias metodológicas.**

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Dança de salão: Um olhar sobre o espaço

É bastante comum pensarmos o espaço de realização da dança os teatros, salas de aula, salões, quadras, praças, dentre outros. Porém, o trabalho apresentado por Costa (2005), traz o corpo como primeiro espaço de manifestação da dança, pois é o corpo que torna possível a existência da dança. O corpo tem uma linguagem que lhe é peculiar, que precede e complementa a linguagem oral. O corpo amplifica, transcende esse espaço para outros espaços para além de si mesmo, ocupando e construindo a linguagem da dança com o outro e em espaços plurais.

Essa linguagem corporal é inerente a cada ser humano e ela se revela como forma de expressão através de movimentos que podemos considerar dança, expressando sentimentos, desejos, sensações apropriando-se dos movimentos mais intrínsecos aos mais amplos tornando o corpo o próprio espaço cênico dessa dança, quer espontânea quer performática.

Marques (2012, p. 34) corrobora defendendo que o corpo cênico, ou aquele que está nas cenas das artes de performance (como a dança, o teatro, a música), além de dominar a linguagem corporal, debruça-se sobre, transformando-a em linguagem artística. Ainda, no/com o corpo cênico, a linguagem é construída, desconstruída, reconstruída, criada e recriada. Potencialmente, o corpo assume papéis construindo e criando a linguagem artística, compondo e transformando as relações estéticas do cenário social, e este cenário não pode prescindir do corpo e de seus vínculos, pois é assim que esse cenário se constitui e se transforma continuamente.

Verderi (2009, p. 25), aponta que em estudos e pesquisas registram-se gravuras rupestres de figuras humanas encontradas nas paredes e nos tetos de cavernas que sugere a dança. Acredita-se que no período Paleolítico o homem primitivo já dançava, por inúmeros significados: caça, alegria, tristeza, exorcizar demônios, homenagear deuses, exaltar a natureza, etc. O homem dançava para

tudo que tinha um significado, sempre de forma ritual. A dança tem acompanhado o ser humano nas diferentes formas de sociedade e de cultura.

Reid, (2003 p. 8) ressalta que no período do Renascimento surge a dança como atividade social, ou seja, como expressão do fato de pertencer à determinada classe ou grupo social. As classes nobres diferenciam-se das classes baixas, entre outros através das danças típicas, cuja aprendizagem fazia parte da educação. A aristocracia praticava as danças da corte, e o povo, as danças folclóricas.

Para os povos primitivos, a dança era uma entrega total e absoluta e consistia em uma atividade motora poderosa e febril (Ossana, 1988). A qualidade dos movimentos repousava em motivações e não consistiam em mero divertimento; era uma ação espontânea que parecia ser parte integrante da sua vida social (Nanni, 2003). Ossana (1988) ainda afirma que algumas dessas particularidades perduram em nosso tempo, e a diferença reside no fato de que, hoje, existe uma atenuação por elaboração intelectual e por análise, em processos de criação e construção da dança.

Percebemos que a dança no transcorrer do tempo foi configurando-se ou revelando-se multifacetada em sua expressão e comunicação. A dança nasce de rituais místicos e religiosos com o objetivo de exaltar os deuses e as forças da natureza cuja finalidade era alcançar as graças e bênçãos pretendidas. O jogo simbólico coreográfico era uma forma de evocação direta ao poder dos deuses ou visava uma agricultura próspera. A dança dos camponeses, que tinha originariamente em sua evolução conotações de magia advindas desses rituais, evoluiu, por vários séculos, como formas coreográficas espontâneas e como integração sociocultural advinda da necessidade de se reunirem e de se relacionarem com seu grupo. Segundo Nanni (2003) assim surgiram as danças populares, expressando e fortalecendo o senso comunitário.

No século XII, com base na divisão social em classes, começa a aparecer a divisão dos tipos de dança: as danças como conotação espontânea, pesada e até “rude” dos camponeses e as danças da corte denotando requinte e elegância. Nanni (2003) ainda acrescenta que ao evoluir, a dança se distanciou de suas origens expressivas naturais passando a desenvolver-se de uma forma padronizada

ganhando precisão no planejamento e na organização refinada que fizeram-na convergir para a variação estilística e para a dança-espetáculo.

Faro (1986, p. 30) sugerindo o resumo da trajetória da dança ao longo dos séculos dividindo-a basicamente em três etapas, ou seja, étnica, folclórica e teatral, deixa um elo proposital entre o segundo e o terceiro: a dança de salão. O autor acrescenta que a evolução da dança seguiu um trajeto determinado: o templo, a aldeia, a igreja, a praça, o salão e o palco.

Segundo Bregolato (2000), as pessoas dançam desde os tempos mais remotos, mais foi somente a partir do século XVII que surgiram os pares enlaçados, que caracterizam hoje a dança de salão. Nesse período surge a valsa na corte austríaca, a primeira dança de salão que, inicialmente foi considerada imoral e condenada pela Igreja em razão de os pares se abraçarem. Conforme Perna (2002), a dança de salão chegou a Paris no final do século XVIII, a partir da valsa proveniente dos povos germânicos, dançada por pares enlaçados: dama e cavalheiro dependiam um do outro.

De acordo com Villari e Villari (1978), acredita-se que, à medida que as civilizações se desenvolviam, a dança tornou-se divertimento social. Supõe-se que, assim como a linguagem, a dança passou a refletir a herança cultural e os estilos de vida de seus criadores. As diferentes culturas criaram tradições e estilos diversificados, passando do jogo simbólico para a expressão lúdico-religiosa.

Segundo esses autores, as danças de corte, gradualmente adaptadas das danças dos camponeses, integram-se às regras de etiquetas dos palácios, ao modo de vida e aos valores, tornando-se suaves e menos vigorosas. Defendem Maia e Pereira (2007, p. 27) que especialistas em danças medievais, como as danças camponesas e cortesãs, são quase unânimes em apontar que as danças de salão descendem diretamente das modalidades populares, ao serem transferidas do chão de terra das aldeias para o chão de pedra dos castelos medievais. Percebemos aqui uma transformação de valores e intenção.

Antes a dança passava-se como uma linguagem de expressão e agora vemos a dança como forma, estabelecida por regras e normas. Marques (2012, p.18) considera a dança como “expressão” aquela que vem, que surge e se apóia em referências internas pessoais, e a dança como “forma”, aquela que depende de

referências externas, onde alguém ou grupo criam passos, seqüências de movimentos, que podem ser repassadas e também podem ser internalizados por outras mas que não são criações destas.

A dança de salão remonta a Idade Média e no decorrer do desenvolvimento desse período histórico se consolida também como arte em sua apreciação e prática, pois, ela passa a ser praticada obedecendo também a um conjunto de regras definidas pela classe nobre. O que era espontâneo passa a ser também imposto pela nobreza real. Sofreu fortes influências sob interesses políticos, sociais e religiosos, chegando a estabelecer regras de execução e definir formas de comportamento social quando tratada dentro dos salões dos palácios da corte.

Dessa forma para que as pessoas pudessem cumprir as regras em sua prática e para estar dentro dos padrões de comportamento exigidos foi preciso criar a figura do mestre de dança, designado pelos governantes da época, o qual era responsável em repassar para os demais as formas adequadas de dançar no salão dos palácios. Sendo assim, a aprendizagem da dança começou a fazer parte da educação dos palacianos.

Reid, (2003 p. 8) ressalta que no período do Renascimento surge a dança como atividade social, ou seja, como expressão do fato de pertencer à determinada classe ou grupo social. As classes nobres diferenciam-se das classes menos favorecidas, entre outros através das danças típicas, cuja aprendizagem fazia parte da educação. A aristocracia praticava as danças da corte, as quais seguiam uma forma padronizada e sistematizada na sua execução, com alto nível de refinamento no comportamento, pois os praticantes tinham quase por obrigação fazer aulas de dança com o mestre para poder fazer parte do baile.

Por outro lado, o povo, com suas danças camponesas onde o aprendizado se dava de forma espontânea, muitas vezes passada de “pai para filho” aconteciam em ambientes a céu aberto ou fechados sem a preocupação com a forma ou estética, dançada ainda com caráter lúdico expressando, por exemplo, festejos, agradecimentos.

Nessa concepção, Ried (2003) defende que a dança traduzia status social determinando comportamentos e em virtude desta distinção precisa, surgiram formas refinadas e formalizadas da expressão dos padrões de comportamento

prescritos pela respectiva sociedade (cortês ou popular) e, os primeiros professores de dança e etiqueta, cuja função era assegurar que os jovens nobres dominassem as formas refinadas de comportamento que lhes assegurassem aceitação no seu grupo social.

Ainda, segundo a autora, as habilidades de dançar estavam entre aquelas que qualificavam o indivíduo a fazer parte de grupo social a qual pertencia por nascimento. Percebemos que a dança passa ser a forma mais adequada de ensinar aos jovens da época normas de comportamento e atitudes a serem desenvolvidas para a integração destes no grupo social.

No século XVI, colonizadores portugueses e imigrantes europeus trazem o que se denominava para eles a dança de salão ao Brasil. Ainda praticada timidamente entre a corte, com o passar do tempo, sofre fortes influências culturais indígenas e africanas, a dança de salão passa por um processo de inovação e modificação fazendo surgir novas danças, tipicamente brasileiras. Com seus hábitos sociais e culturais intervindo diretamente na cultura do povo brasileiro da época, os portugueses trazem as danças europeias ditas da moda e assim todos os eventos festivos se tornavam motivo para um baile.

A nobreza brasileira, como uma forma de se manter na moda, contrata professores de dança europeus para ensinar as danças atuais que estavam no auge nas capitais europeias e, dentre elas se destacavam a valsa, a polca, a mazurca, o *chote* e a quadrilha.

Melo (2014), em suas pesquisas revela que por volta do ano de 1850 os bailes de dança de salão já eram freqüentes na cidade do Rio de Janeiro. E em torno de um discurso de processo de modernização de caráter civilizado, a cidade torna-se foco irradiador de novas modas e costumes sofrendo forte influência dos países europeus. Segue afirmando, que o comércio de luxos e entretenimentos que se instaurava na cidade levava a sociedade civil a uma ostentação que era exposta publicamente como símbolo de status e distinção.

Dessa forma, os eventos públicos começaram a ser mais valorizados passando a ser uma obrigação para quem desejava ser reconhecido pelo seu ciclo social. Surge então uma febre de bailes e a corte arroga-se do papel de informar os melhores hábitos de civilidade, designando comportamentos, forma de se expressar

e se cumprimentar, vestimentas adequadas, postura nos gestos e nas técnicas corporais.

Nesse novo processo de educação do corpo, percebe-se que a intenção primordial era distinguir, separar as classes abastardas das mais pobres. O povo e a elite mantiveram-se separadas no campo cultural, social e político da época. Melo (2014) nos traz ainda que era na dança que essa segregação claramente se manifestava, onde o reisado, o lundu, o batuque, o maxixe contrastavam com a valsa e a polca dos salões de baile.

Segundo Perna (2005 p.10), a dança de salão enquadra-se na categoria de dança popular que se origina de causas sociais, causas políticas ou acontecimentos destacados do momento. A dança popular difere da dança folclórica por ser uma manifestação do momento, enquanto a folclórica é uma tradição que se mantém através dos tempos e é originada por festas ligadas à natureza, fatos históricos, acontecimentos religiosos ou de tradição cultural transmitida de geração para geração.

A dança de salão pode ser vivenciada em diferentes perspectivas: artístico-cultural, lúdica, lazer, dentre outras. Seus repertórios podem representar, muitas vezes, experiências já vividas ou novas, graças ao poder criativo estimulado pelo próprio conjunto de movimentos corporais que a dança promove, utilizando seu corpo como meio de comunicação e autoexpressão (Gallahue e Donnelly, 2008).

Maia e Pereira (2007) defendem que o poder criativo deixa os protagonistas da dança de salão em total liberdade de pensamento, de aquisição de novos movimentos dançantes e de modificação de situações que esses mesmos oportunizam e que negar a dança de salão como uma prática educativa é negar a necessidade de ampliar os conteúdos da educação, principalmente no âmbito da Educação Física.

3. DESCRIÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO SOBRE A EXPERIÊNCIA DE ENSINO.

3.1. Escola de dança: núcleo educativo, espaço de formação.

São vários os motivos que levam as pessoas a procurarem aulas de dança nas escolas específicas. Atualmente destacamos a abordagem dessa linguagem corporal na mídia televisiva. Considerando nossa experiência na área e na condição de professor de dança de salão, é comum nos depararmos com indivíduos que procuram as aulas para dançar igual àquele ou àquela artista que viu dançando na televisão no domingo passado.

Outro motivo também é busca de uma alternativa para uma melhor qualidade de vida já que a dança, também considerada uma atividade física, pode proporcionar um bom condicionamento físico, melhora na auto-estima, e até mesmo, a perda da timidez afastando a vergonha de estar numa festa, por exemplo. A indicação médica também é um relato constante dos alunos e outros porque simplesmente tinham o sonho de dançar. Enfim, são muitos os interessados e são vários os objetivos.

Mesmo tratando-se da prática da dança em escolas específicas, caracterizados por este estudo como outros núcleos educativos, onde as pessoas escolhem e pagam a modalidade que querem aprender, o mesmo faz a escolha ao termo aluno ao invés de cliente, por acreditar que seja o mais condizente ao objeto de estudo.

Deparo-me constantemente com alunos que dizem que procuraram a dança porque tinham medo de ir a uma festa qualquer, seja baladas, shows ou festas familiares (aniversários, casamentos, etc.). Por questões de inibição, timidez esses alunos encontraram na escola de dança uma forma de vencer essas sensações e se sentirem mais confortáveis quando presentes em eventos sociais. Outro fato chamou-me a atenção: uma senhora, de aproximadamente 70 anos relatou perante a turma a qual ela estava inserida que tinha entrado na dança para realizar o sonho da vida dela que era dançar e se apresentar. Como seus pais na época da adolescência não a permitiam fazer aulas de dança e mesmo depois de ter sido casada, ter filhos e trabalho independente do marido, ela ainda não havia feito aulas

devido à educação rígida dos pais e por medo do marido e/ou os filhos não gostarem. Ela ficou viúva, seus filhos cresceram e casaram saindo de casa. E agora dizia que iria aproveitar o tempo perdido e resolveu procurar uma escola de dança.

Estes e tantos outros relatos que no decorrer das aulas, na dinâmica do relacionamento com os alunos, reforça o tipo de convivência e de proposta de trabalho que a escola de dança almeja estabelecer, nesse caso dança de salão, numa tentativa de reconhecer quem são seus alunos, o que lhes motivaram e motivam na busca desta modalidade de dança, afinal, eles procuraram por uma escolha própria.

Atualmente, no espaço ao qual ministro aulas, a dança de salão é uma prática corporal bastante difundida e solicitada por um público que engloba desde adolescentes a idosos. No ano de 2004 criamos a escola começando com apenas uma turma, hoje, nos deparamos com 15 (quinze) turmas de dança de salão, funcionando apenas no turno da noite.

Percebemos também que não só no nosso espaço aumentou a demanda. No ano 1998 havia apenas uma escola de dança de salão na cidade de Campina Grande e, desde 2010, encontramos vários outros espaços que abordam a dança de salão como prática corporal: espaços privados aproximadamente seis, e; dois espaços públicos: o Teatro Municipal Severino Cabral e o Centro Cultural Lourdes Ramalho, o que demonstra atualmente uma vocação da cidade para essa prática corporal.

Esses espaços, na nossa concepção, são de fundamental importância para o desenvolvimento do ensino da dança. Quanto mais espaços forem abertos, proporcionando a aproximação da dança com a população, mais teremos pessoas envolvidas com a cultura dessa arte. Entretanto, devemos pensar além de uma estrutura física que simplesmente acomode os alunos durante a aula e após as aulas estes se vão sem terem a possibilidade de estar um com outro, pelo tempo mínimo que seja conversando sobre as aulas, trocando experiências de sentimentos alcançados durante as aulas, ou ainda, relatando fatos pertinentes ao contexto.

Consideramos o espaço físico da escola como um ambiente de socialização e interação interpessoal promovendo também construção de conhecimento no contexto da dança. O fato das pessoas poderem se ver e se encontrar dentro da

sala de aula e/ou circular pelos espaços físicos da escola, como por exemplo, a visita deles à loja de material de dança, ou à espera do início da aula na sala da biblioteca, ou simplesmente a conversa no pátio, são espaços de convivência que implicam em outras formas de estar com o outro que não seja somente a sala de aula propriamente dita, ao mesmo tempo em que outras formas de convivência vão transformando e vão surgindo o interesse ainda mais enraizado pela dança nos aspectos emocional, sentimental e racional.

Esse envolvimento entre alunos e professores dentro do espaço da escola propicia um ambiente facilitador no processo de ensino/aprendizagem em torno da dança de salão, como afirmam Fernandes & Garcia (2006, p.7):

[...] a arquitetura de um lugar influencia e, muitas vezes, determina o tipo de interação e relação estabelecida entre as pessoas. O fato das pessoas poderem se ver e se encontrar, de circular, a socialização dos sentimentos, das vivências, dos interesses e das necessidades, [...] implicam em outras e novas formas de se interagir e de se relacionar.

Em nossa análise, laços de amizade são criados, tanto com os profissionais como entre os alunos pela frequência das conversas, dos diálogos, dos encontros, emergindo a possibilidade de aprender com o outro. Devido ao contato com o outro durante as aulas de dança de salão, há um estreitamento nas relações interpessoais estabelecendo entre pessoas que não se conhecem a formação e/ou ampliação de novos laços de amizade em consonância ao aprendizado da dança de salão.

Dessa maneira, a aula de dança de salão por ser essencialmente realizada na presença do outro, pode ser praticada com objetivos claros de socialização e diversão por casais, sejam eles amigos ou não, casados ou não, já serem conhecidos ou não, propiciando assim o estreitamento de relações interpessoais entre estes, que durante as aulas e/ou ensaios coreográficos uma relação social de amizade é criada que vai além da amizade fraterna. COSTA (2005 p.164), atenta para as relações de amizade entre os corpos na dança e afirma que não devemos

nos basear a dança somente no vínculo fraterno. É preciso que os corpos experimentem formas de estar com o outro, devido à inconstância e a imprevisibilidade da dança independentemente de sua crença, estado civil, raça ou gênero.

Nessa concepção, fazemos analogia a um dos quatro pilares da educação contido no Relatório para a UNESCO da comissão Internacional sobre a Educação para o século 21 defendido por Jacques Delors. O documento reza sobre a importância de aprender a viver juntos, aprender a viver com os outros, como forma de refutar os sentimentos de competição, vaidade excessiva em nome de um processo educativo capaz de evitar os conflitos, ou de, resolvê-los de maneira pacífica desenvolvendo o conhecimento dos outros, das suas culturas, da sua espiritualidade. E que no espaço comum entre diferentes grupos, ou pessoas, o contato entre estes se deve fazer num contexto igualitário, e se existirem objetivos e projetos em comuns, os preconceitos e a hostilidade latente podem desaparecer e dar lugar a uma cooperação mais serena e até amizade.

Penso que a relação que os alunos criam com os professores de dança de salão e com seus colegas apenas em sala de aula pode ainda não contemplar o conhecimento contínuo e aprofundado da dança por parte dos dançarinos aprendizes. É preciso que a escola crie situações, oportunize meios para que os alunos vivenciem ainda mais a dança de salão também fora da sala de aula, para que estes despertem a curiosidade em aprender mais e buscar o entendimento do por que eles estão fazendo aula, construindo conhecimentos acerca da dança de salão.

Numa perspectiva de formação dos sujeitos sociais, acreditamos que as escolas especializadas em dança podem promover bailes dançantes, mostras de danças, sessões de filmes que abordem a dança, como também seminários alusivos a esse campo de conhecimento. Promover encontros dos alunos em outras situações que não somente as de sala de aula pode ampliar a apropriação do conhecimento e criar outras formas de estar e dançar com o outro.

Quando os alunos começam a fazer aula, por exemplo, passado pouco mais de três meses, eles já começam a perguntar e se interessar por lugares onde possam praticar as danças que eles estão aprendendo. Daí a importância da

realização de bailes. O baile é uma experiência primordial para a escola de dança de salão como forma de estimular ainda mais o aluno a continuar fazendo aulas, pois, é nesse ambiente que ele poderá por em prática o que aprendeu. Vale salientar que nessa prática não só passos e sequências de movimentos são abordados, como também, as formas de se comportar e a atitude a ser tomadas enquanto se dança dentro do salão.

Percebo ainda que o comportamento durante o baile também faz parte do aprendizado da dança de salão. Nas aulas orientamos os alunos como proceder ao convidar um ou outro para dançar (nos bailes de dança de salão é comum uma mulher convidar um homem para dançar, essa atitude não parte apenas dos homens, como nos bailes de antigamente). Formas de se expressar respeitosamente e gentilmente desde o convite para dançar e ao término agradecer por ter aceitado o convite são sempre abordadas nas aulas.

Empregando sempre o respeito e educação no ambiente da dança de salão, principalmente durante as aulas, esse espaço possibilita as pessoas uma interação harmoniosa, afastando do convívio mútuo o pré-conceito e/ou rejeição. É admirável nos bailes observarmos jovens dançando com idosos, pessoas magras dançando com gordas, homens de estatura mais baixa dançando com mulheres bem mais altas, ou seja, percebemos uma forma de relacionamentos presente nos bailes que vislumbra o espaço público da dança configurado nas diferentes formas de permitir-se ser e dançar com o outro, onde o que prevalece, aparentemente, no baile, é o desejo de dançar e sentir-se bem, sensação essa gerada pelo prazer propiciado na relação com o outro enquanto se dança.

Nesse contexto, como trata Costa (2005), a dança possibilita outras *formas de vida*, a mulher permite-se convidar um homem a dançar reconfigurando outras possibilidades de convivência e iniciativas sem preocupação de rótulos, além de agradecer ao outro a experiência prazerosa de dançar. Foi o outro que lhe permitiu tal prazer. Dessa forma, corrobora-se com o texto da autora ao afirmar a vivência da dança como espaço político/público.

Numa análise sobre as atitudes a serem tomadas na pista de dança durante o desenvolvimento desta, outro ponto a ser seguido para somar resultando na harmonia do casal é a relação com o espaço. O casal deve sempre se deslocar de

forma circular e no sentido anti-horário para evitar esbarrões com outros casais, um casal não pode parar na linha de deslocamento, geralmente as bordas, para conversar, ou ainda, entrar na pista de dança segurando copo, por exemplo. Essas, dentre outras, podem gerar nas pessoas uma sensação de conforto e segurança enquanto dançam, pois, uma reclamação quase que unânime dos alunos quando vão dançar num ambiente que não da dança de salão é que eles sofrem muito esbarrões, cotoveladas e até ponta-pés de outras pessoas.

Percebemos nos dias atuais que ainda há uma forma de pensar e agir na dança de salão numa linha de comportamentos e atitudes que encontra-se envolta da história de sua origem, reafirmando e constituindo o caráter social da dança a dois, onde esta passou a definir padrões de comportamentos, formas refinadas de se relacionar e se expressar durante os bailes da época, impostos pelos interesses da classe dominante.

Esse traço marcante que a história da dança de salão deixou, o interesse da classe dominante, não condiz com a realidade atual. No entanto, observa-se que algumas regras e normas são seguidas até hoje não como uma imposição de pensamento ou comportamento, mas sim, como resgate cultural e histórico da dança de salão como um conteúdo a ser tratado e discutido com os alunos em sala de aula.

Salientamos também que no espaço da escola de dança urge a construção do conhecimento em torno da dança de salão como linguagem também artística e, no ambiente educativo, mesmo não-formal, devemos levar em conta a diferença de um dançarino ou dançarina profissional que dança movendo seus corpos até o limite de suas capacidades físicas para alcançarem um bom desempenho enquanto dançam e a responsabilidade do professor de dança em fazer mover corpos de alunos que muitas vezes nunca se quer realizaram o famoso “dois pra lá, dois pra cá” (termo estereotipado de uma das movimentações básicas de algumas danças como o bolero e o xote). Vargas (2007, p. 36) alerta:

Ensinar e trabalhar com danças em outros corpos requer muita responsabilidade. Para tal é fundamental o conhecimento deste corpo que vai ser trabalhado, de seu desenvolvimento neuropsicomotor e da didática adequada a

cada situação apresentada, não se tratando apenas de um instrutor de passos previamente elaborados...

Nessa trajetória com a dança fui deparando-me com outro aspecto que se incorporou ao meu fazer pedagógico: a dimensão artística. De acordo com Nanni (2003, p. 101), após perder o aspecto natural, espontâneo, a dança ganhou precisão no planejamento e na organização refinada, convergindo para uma forma estilística e para a dança-espetáculo. Para a autora, esse contexto da dança marcou o surgimento da mesma como arte autônoma, perdendo a sua dimensão lúdica e religiosa, o que redundou em uma forma de espetáculo para a aristocracia, que passou a espectadora.

Nessa perspectiva, um núcleo educativo de dança, por sua vez, não pode negligenciar esse conhecimento tão apreciado e desejado por muitos de seus alunos. Os espetáculos ou mostras de dança devem também fazer parte do conteúdo da dança de salão no plano de ação da escola, e não somente aqueles organizados por ela na forma de companhias de dança. Revelar para os alunos essa forma de pensar a dança de salão, não somente como uma atividade meramente prática e repetitiva, mas também como possibilidade deles a compreenderem nas dimensões éticas e estéticas, pode gerar indivíduos críticos e conscientes do seu papel nesse espaço.

Outro aspecto a destacar, dada a sua recorrência, é que não são todos que almejam assumir o papel do dançar artisticamente, mas uma boa parcela dos alunos gosta de participar e chegam a se envolver intensamente desde as reuniões para explicar o que é uma mostra de dança, e como eles poderão participar do espetáculo, passando pelos ensaios coreográficos até o dia propriamente dito. Como não são todos que participam da mostra de dança, os ensaios coreográficos não acontecem durante as aulas, são estabelecidos dias e horários que não choquem com os horários das aulas.

Durante os ensaios, elementos como figurinos, cenário, coreografias, iluminação, som, também são abordados com a mesma importância dos planejamentos nas aulas. Para Costa (2005), a dança no campo artístico não se trata apenas em juntar passos, mas está entrelaçada a tais aspectos que integram a leitura do movimento dançante.

Aos que não participam, por questões particulares, solicitamos que prestigiem os seus colegas no dia da mostra de dança como expectadores, como plateia, pois entendemos e buscamos mostrar para todos que sem plateia não há espetáculo, que um depende do outro para efetivamente acontecer. Como trata Costa (2005), no momento da apresentação a dança se completa no olhar de si mesmo e na dança com o outro.

Refletindo sobre o ensino da dança em outros espaços/núcleos educativos, o professor deve nortear seus trabalhos partindo do planejamento e do reconhecimento de quem são seus alunos. Acreditamos que o ensino da dança de salão é um meio que pode contribuir para o desenvolvimento das capacidades expressivas do movimento e a criatividade do corpo, e que a dança, forma de linguagem, contempla uma formação completa do indivíduo nos seus aspectos de um ser individual, racional, intelectual, social, político, emotivo e cultural.

Consideramos que outros núcleos educativos são espaço de formação que fomenta o conhecimento não somente da dança, mais do ser humano em si e da relação deste com os outros e com o mundo. Utilizando o processo ensino/aprendizagem como uma via de mão-dupla, não descartamos as vivências corporais anteriores de alunos, buscamos sempre de uma forma flexível desenvolver, estimular seus corpos para outra proposta de linguagem corporal.

As ações a cerca da educação para a dança de salão devem ser sempre planejadas, entretanto, observamos as dificuldades ou facilidades de cada grupo formado, e buscamos adaptar o programa de ensino em termos de conteúdo e tempo de duração conforme a característica de cada um. Essa característica flexível, dentre outras, no processo de ensino/aprendizagem no ensino da dança de salão, conflui a ação educativa da escola de dança como um apontamento para a educação não formal.

Nesse sentido, Garcia (2003) afirma que a educação não-formal não é estática, é uma atividade aberta que ainda tem sua identidade em construção. É composta de uma grande diversidade de conteúdo e esse aspecto é muito interessante para o campo educacional, permitindo, além de contribuições de diversas áreas, a composição de diferentes bagagens culturais. Atualmente, estudos

e pesquisas apontam para a importância nessa dimensão de ensino entrelaçando a temas e conteúdos pertinentes ao processo de formação humana.

Garcia (2003) acredita ainda na importância em considerar que a educação não-formal, como área do conhecimento pedagógico, passou a ser observada como válida e como possibilitadora de mudanças, inclusive dentro da própria concepção de educação, a partir de seu aparecimento e de sua inclusão como área pedagógica em documentos e artigos relevantes da área educacional. Isso não quer dizer que uma refurta a outra, elas se inter-complementam.

Nessa perspectiva a educação não formal segundo Fernandes & Garcia (2006), ajudam a evidenciar o quão importante e válida se tornam às experiências educativas e formativas desse tipo, ocorrendo paralelamente à frequência escolar, educação formal, permitindo afirmar que a educação não formal seja vista, então, como mais uma possibilidade de vivência educativa, atuando em outros setores em que a educação formal não atua, sem competir com ela, mas visando complementá-la.

3.2 O ser professor de dança em outros espaços educativos

Corroboramos com o pensamento de alguns autores anteriormente mencionados que a dimensão educação não é exclusiva do espaço escolar (educação formal). Para Gonh (2006), na educação não formal existe a intencionalidade de criar ou buscar determinadas qualidades e/ou objetivos em espaços não escolares atuando em várias dimensões que visam à formação do indivíduo dentro de uma prática de ensino/aprendizagem diferenciada dos conteúdos da escolarização formal.

Tal denominação não formal surgiu como um meio de proporcionar um ensino de algo que, devido ao tempo limitado, não se conseguia ensinar na escola formal, e que com seus conteúdos e formas de ensino, contempla uma consciência crítica e reflexiva capaz e emancipar o indivíduo, complementando sua formação no campo da educação formal. Nesse contexto, o estudo optou por referir-se aos

núcleos educativos (escolas específicas de dança situadas fora da escola formal) ao invés de escola ou campo não-formal.

Logo, o estudo entende que mesmo em outros espaços/núcleos educativos, como as escolas de dança, a intervenção é pedagógica. Dessa forma, torna-se legítimo o papel do professor propor ações educativas coerentes com o pensamento crítico/reflexivo e com a prática pedagógica no ensino da dança. Pode, inclusive, provocar no aluno uma aspiração por um conhecimento mais aprofundado sobre a dança, fazendo com que este aluno possa, até mesmo, interessar-se e atuar como profissional na área da dança.

Percebo nessa minha trajetória que ao professor de dança de salão, cabe à preocupação de como ele deve conduzir suas aulas num ambiente tão diversificado por motivos da procura e pelos fins a serem alcançados. A busca pelo conhecimento não só em torno da técnica da dança como também pelo aprofundamento em sua teoria no que concernem os aspectos metodológicos, didáticos e pedagógicos no processo de ensino/aprendizagem, deve despertar no professor um pensamento crítico/reflexivo sobre suas ações educativas, pois suas ações podem influenciar diretamente no rumo que a vida de seus alunos pode seguir.

No decorrer de mais de dez anos e existência da escola de dança a qual exerço a função de professor, testemunhei o interesse de alguns alunos na formação acadêmica em Educação Física e/ou em Dança, e alguns já ingressaram nos cursos de formação superior, principalmente os jovens que ainda não haviam decidido para qual curso iriam concorrer nos vestibulares.

Embora com 15 anos de ensino das danças de salão, destaco as experiências obtidas na graduação em Educação Física que deram suporte à compreensão e ao exercício de ser professor, a exemplos, os componentes curriculares Prática pedagógica e Dança, Anatomia e cinesiologia, aspectos sócio-históricos da cultura corporal do movimento, dentre outras, além da experiência, como bolsista, do Projeto de Extensão *Universidade em Dança*, vinculado ao Grupo de Pesquisa, à época, denominado de Corpo, Educação e Movimento (GCEM), atualmente Corpo, Educação e Linguagens (CEL) vinculado ao curso de Educação Física da UEPB, onde recordo-me as orientações da coordenadora do projeto e professora do componente Dança sobre o sentido/significado da dança num

processo de aprendizagem; o corpo como primeiro espaço de manifestação da dança, e ao mesmo tempo autor; o professor como mediador de conhecimentos; a importância do reconhecimento do que os alunos sabem sobre a dança; os conteúdos da dança e as estratégias de ensino; etc.

Compreendo então, que não me bastou saber ou dominar a técnica das danças de salão para ser professor e poder ensiná-las, pois não iniciei o ensino da dança nesta perspectiva que hoje aponto neste estudo. Antes minha prática docente pode-se dizer intuitiva e de reprodução de movimentos aprendidos em cursos ou workshops que foram transformando-se a partir da minha graduação em licenciatura em Educação Física no despertar para uma visão integral do humano sob diferentes óticas: biológicas, históricas, culturais, fisiológicas, anatômicas, sociais, pedagógicas, dentre outras.

Uma vez tratada a dança como uma atividade de/para ensino é pertinente à análise da formação do professor de dança de salão do ponto de vista educacional pedagógico. É necessário que o educador (professor de dança) compreenda que a educação é uma forma de intervenção no mundo (FREIRE, 1996). Percebemos então, a importância dessa formação acadêmica dos profissionais de dança quer seja no campo da Educação Física, quer seja da Dança, pois, o professor de dança de salão, nessa concepção, é um agente mediador que pode participar do desenvolvimento humano de seus alunos e atuar num processo de transformação de indivíduos.

Zamonner (2005 p.14) ressalta que ensinando, o que quer que seja, somos educadores. Com todo o cuidado desta generalização e do “quer que seja a ensinar”, esclarecemos que a autora enxerga o educador com potencial peculiar para interferir no mundo. Para assumir com responsabilidade essa profissão (para alguns, missão), precisamos buscar um preparo consistente, argumentativo e permanente independente da modalidade de ensino ao qual o professor esteja inserido. Temos que ter a consciência de que é preciso aprofundar nossos conhecimentos naquilo que vamos ensinar, pois, somos, também, responsáveis pela (trans)formação, intelectual, profissional e emocional das pessoas para quem ensinamos.

Quando o objetivo é o ensino, a preocupação deve estar voltada aos aprendizes, pois para aprender algo, cada pessoa o faz por um determinado caminho e num determinado tempo nem sempre os mesmos, portanto, necessita vivenciar procedimentos metodológicos que facilitem sua aprendizagem. Quando o aluno aprende a dança de salão ele poderá dança-la em festas, bailes, apreciá-la em espetáculos de dança, refleti-la numa exibição de programas de TV ou ainda poderá transformá-la e adaptá-la para novas e diferentes situações.

Ensinar é a atividade pela qual o professor, através de métodos adequados, orienta a aprendizagem dos alunos (Haidt, 1994). O que fazemos como professores de dança de salão é ensinar. O ensino, por sua vez, é “o principal meio e fator da educação” (Libâneo, 1992).

No que concerne às aulas de dança de salão numa escola de dança, o professor precisa ir além do domínio do conteúdo do que ensinar aos seus alunos. Por tratar-se de uma escola particular de ensino da dança, é necessário que o professor identifique o objetivo e os desejos individuais para nortear seu plano de ação, respeitando as limitações, aspirações e cultura, não subjetivando o conhecimento a ser transmitido, mas encontrar meios e formas de transmitir o conhecimento de maneira igualitária, visando uma satisfação, se possível, de todos, e um despertar para algo a mais dessa dança: como surge, as modificações técnicas, o trato da dança na atualidade, etc.

O professor numa escola de dança também se depara com alunos diversos com experiências singulares, seja na dimensão do condicionamento físico, habilidades motoras, perfis psicossociais, nas intenções, nos desejos, etc. Tendo ministrado aulas para diferentes ouvintes e expectadores, durante pouco mais de quinze anos, entendo que nem sempre conseguimos alcançar nosso objetivo, principalmente se não voltarmos o olhar para as diferenças de personalidades e de interesses que encontramos nas escolas de dança. Hoje, esse objetivo que contemplo, não é o aprendizado da dança como uma repetição de passos, ou cópia de uma seqüência de movimentos pré-estabelecidos.

Percebi e comecei a entender que a dança, ou os passos de dança de salão que eu havia aprendido não era uma verdade absoluta. A partir de então comecei a refletir sobre minhas atitudes de ser professor no ensino da dança de salão, em que a formação de professor e o cotidiano de sala de aula foram primordiais. Essa

transformação na forma de pensar, sentir, viver a dança pode ser exemplificada, por incrível que pareça de um suposto “erro” de uma aluna numa seqüência que eu havia proposto na aula. Tratava-se de um movimento de um giro realizado dentro de um compasso de quatro tempos. A técnica do giro se daria com três transferências de peso corporal, gerando um pequeno deslocamento e uma pausa no final fechando o compasso, e eu a conduziria com apenas o contato da minha mão esquerda com a mão direita dela.

A aluna com medo de errar segurou, ou melhor, agarrou-se também na minha direita enroscando-se no meu braço direito impedindo a finalização do giro. No entanto, tentando acalmá-la, pois a mesma ficou extremamente constrangida por ter “errado”, pedi-lhe que se acalmasse sem soltar suas mãos e dali mesmo onde tínhamos parado ela buscasse uma forma de sair daquela situação sem soltar as mãos.

O resultado foi incrível. De um giro proposto em aula que seria realizado numa seqüência de quatro tempos surgiu, através do erro, outro movimento, ou melhor, uma seqüência de movimentos com doze transferências de peso. E essa movimentação criada pela aluna, ainda hoje utilizamos na prática da dança de salão e nos serve de exemplo para mostrar aos alunos que eles são capazes de dançar criando seus próprios movimentos e seqüências. Ao mesmo tempo esse contexto de aula abre espaço para a reflexão sobre estratégias de ensino não-diretivas também no espaço não-formal.

No erro ou na dificuldade de realização de um movimento, outro movimento pode surgir ou ser recriado. Nessa situação descrita, outra possibilidade de movimentação passou a integrar o repertório. A compreensão desse pensamento se dá quando dançamos de forma despreziosa, sem se preocupar com o desempenho dos movimentos. Tento explicar para os alunos que enquanto dança, o que entendemos como erro é a não execução de um movimento proposto pelo professor, ou de um movimento pré-definido ou já estabelecido como base de movimento dançante.

Quando os alunos reconfiguram a sua relação com o erro, eles se sentem mais confortáveis e seguros enquanto dançam. A confiança passada pelo professor de dança de salão nesse sentido pode cativar, conquistar o aluno por um longo

período de tempo. Pelo menos enquanto este estiver fazendo aulas de dança de salão.

Hoje, como professor de dança de salão, compreendo que pensar a dança como prática educativa no processo de ensino/aprendizagem vai muito além da mera reprodução de “passos” memorizados em nossa vivência de dançarinos e/ou dançarinas a ser transmitidos aos alunos. Trata-se, de desenvolver a reflexão e auto-reflexão por meio da mediação didática, oferecendo oportunidades para que o aluno possa criar resoluções de problemas a ele proposto.

É claro que num primeiro momento do encontro do aluno com a dança precisamos utilizar uma metodologia especificamente técnica mecânica, na qual partimos para o método da repetição de movimentos, entretanto, precisamos sazonalmente despertar nos alunos a possibilidade da iniciativa deles próprios em dançar sem se preocupar, ou esperar do professor uma sequencia pronta de movimentos para só então dançarem.

Refletindo nesta direção Freire (1996), afirma só ser válido o ensino que resulta numa aprendizagem onde o aprendiz é capaz de recriar o que foi ensinado. Concordamos com tal afirmação, principalmente, por acreditarmos na autonomia do aluno de dança de salão que pode, por si só, criar novas “ligações de movimentos” a partir dos referenciais ensinados pelo professor.

Como professores de dança de salão, somos educadores. Percebo que “não estimular” as pessoas a resolverem problemas é impedir o desenvolvimento de suas potencialidades. É preciso o professor de dança ter a percepção e a sensibilidade de que os alunos têm diferentes necessidades e vivem em realidades diversas, e, com isso, a prioridade do professor deve estar voltada para a busca de caminhos pedagógicos que democratize e facilitem a construção do conhecimento da dança, não só de uma forma coletiva, mas também, de maneira individual, buscando um tratamento focalizado e dirigindo-se para cada aluno com vistas nas dificuldades destes sem submetê-los a constrangimentos dentro do coletivo como forma de homogeneizar o aprendizado.

Para Gohn (2009 p, 06) o professor deve exercer um papel ativo, propositivo e interativo, ele deve continuamente desafiar o grupo de participantes para a descoberta dos contextos onde estão sendo construídos os textos (escritos, falados, gestuais, gráficos, simbólicos, etc.).

Ensinar, de maneira que todos possam aprender, exige um olhar para o aluno como um ser plural, ao mesmo tempo, singular, dinâmico que apresenta múltiplas potencialidades e diversas dificuldades. Acredito que a partir do momento em que o professor de dança de salão entender e vivenciar tal contexto, ele terá melhores condições para desenvolver estratégias de ensino que possam atingir as diferentes intenções e perspectivas para com a dança de salão, sendo possível a oferta de uma vivência com a dança de salão visando não somente a satisfação do aluno pelo serviço que está adquirindo, mas também no seu desenvolvimento humano na experiência com o outro na dança.

3.3 Conteúdos e estratégias metodológicas

Ensinar alguém requer cuidados com as estratégias de ensino. É importante sempre verificarmos até que ponto a forma e os meios usados para ensinar condizem com os caminhos que facilitam a aprendizagem de nossos alunos. Devemos alinhar nossa metodologia de ensino em fundamentos teóricos e ações práticas utilizando atividades lúdicas, sistematizando etapas de ensino, métodos que possam oferecer uma melhor assimilação dos conteúdos, e, apropriarmos de ferramentas e instrumentos para melhor aproveitamento do aprendizado do aluno.

Na dança de salão, o conteúdo técnica, a priori, é fundamental na criação de uma estratégia de ensino, mas ele não é o elemento dominante no trabalho do professor de dança, pois o seu trabalho deve conter: princípios teóricos, métodos de ensino adequados a cada turma formada assim com as metodologias de trabalho (Gohn, 2009 p. 06), voltados para uma formação mais completa de seus alunos em torno da dança.

Posso, hoje, refletir sobre a metodologia de trabalho em três momentos históricos da minha atuação como professor de dança: antes de fundar espaço educativo de dança, no novo espaço educativo de dança e quando ingressei no curso de Educação Física. Cada período foi singular na importância de perceber que a todo o momento devemos realmente refletir, repensar, reconfigurar, avaliar e auto-criticar nossas próprias ações de ensino, procurando buscar mais e mais

conhecimentos em outras fontes, acadêmicas ou não, para mediarmos, transmitirmos um conhecimento mais holístico.

Segundo Zamoner (2005, p. 68), no ensino da Dança de Salão, o professor deve articular conteúdos de outras áreas, como por exemplo, os contextos históricos e geográficos relacionados com as danças; e a saúde e prevenção. A natureza do ensino da dança de salão não é diferente de outras áreas de conhecimento, portanto, não fica restrita apenas a transmissão de técnicas de execução de passos.

Dialogando com Zabala (1998), o autor sugere a utilização de uma perspectiva processual, onde as fases de planejamento, aplicação e avaliação, devem assegurar um sentido integral às variáveis metodológicas que caracterizam as unidades de intervenção pedagógica. Como também as condicionantes do contexto educativo, como as pressões sociais, a trajetória profissional dos professores, entre outras, assumem uma posição de relevância.

Com relação aos conteúdos da aprendizagem, seus significados são ampliados para além da questão do que ensinar, encontrando sentido na indagação sobre por que ensinar. Deste modo, acabam por envolver os objetivos educacionais, definindo suas ações no âmbito concreto do ambiente de aula. Esses conteúdos assumem o papel de envolver todas as dimensões da pessoa, caracterizando os seguintes blocos de aprendizagem: factual e conceitual (o que se deve aprender?); procedimental (o que se deve fazer?); e atitudinal (como se deve ser?). Sobre a concepção de aprendizagem, o autor afirma que não é possível ensinarmos sem nos determos nas referências de como os alunos aprendem, chamando a atenção para as particularidades dos processos de aprendizagem de cada aluno (diversidade).

Trazendo a compreensão de tais dimensões de aprendizagem para este estudo, podemos exemplificar: 1) dimensão conceitual - está relacionada ao conteúdo técnico, como o aluno deve utilizar-se da técnica de movimento aprendida para desenvolver a dança de salão, aos conteúdos teóricos como a história da dança de salão e anatomia e cinesiologia aplicada à dança de salão; 2) dimensão procedimental: relacionada com conteúdos que direcionam ao diálogo corporal entre o casal (a relação entre conduzir e ser conduzido) e musicalidade abordando a expressividade corporal conforme as variações melódicas da música; 3) dimensão

atitudinal relaciona-se aos conteúdos que diz respeito a comportamento interpessoal como também as técnicas de diálogo corporais.

Zabala (1998) explicita que a ordenação articulada das atividades seria o elemento diferenciador das metodologias, e que o primeiro aspecto característico de um método seria o tipo de ordem em que se propõem as atividades. No entendimento deste estudo, a ideia do autor aplica-se na sequência de aula como a sequência de níveis de aprendizagem (Turma Iniciante I, Iniciante II, Intermediário I, Intermediário II e Avançados). A seqüência considera a importância das intenções educacionais na definição dos conteúdos de aprendizagem e o papel das atividades que são propostas. Alguns critérios para análise das seqüências reportam que os conteúdos de aprendizagem agem explicitando as intenções educativas, podendo abranger as dimensões: conceituais; procedimentais; conceituais e procedimentais; ou, conceituais, procedimentais e atitudinais.

Na compreensão deste estudo considerando a minha experiência como professor, o ensino da dança de salão na educação não formal na atualidade deve reconhecer os interesses e objetivos de seus alunos, e entrelaçá-los a proposta do núcleo educativo reconfigurando seus conteúdos, especialmente aos conteúdos 'repertórios', iniciando por eles, afinal os alunos que lá estão pretendem aprendê-los. Cabe ao núcleo educativo de dança ampliá-lo. Isso não significa que o aprender a dançar deva ser estabelecido unicamente no trato do conteúdo 'técnica de repertórios', passa-se, no início, mais pela ação do movimento dançante do professor para uma conseqüente cópia ou reprodução desta pelos alunos para uma posterior prática em algum evento social que tenha música e espaço para dançar.

Trazendo Marques (2012) para a discussão de conteúdos, embora seja discussão escolar, a autora aponta os seguintes conteúdos da dança: aspectos históricos, anatômicos, biomecânicos, estéticos, além dos coreológicos, repertórios, composição coreográfica e improvisação. Estes, delineados de forma a proporcionar para os alunos o conhecimento técnico e teórico acerca da dança.

Talvez esses conteúdos não seja uma unanimidade em todas as escolas de dança de salão no campo da educação não formal. Entretanto, é o que consideramos, até o presente momento, como essencial na nossa metodologia de trabalho. Esses conteúdos condizem com: noções de música, onde o objetivo é trazer à tona as definições dos elementos musicais como tempo, compasso, ritmo,

período e frase musical; história da dança; gêneros da dança de salão; técnicas corporais de movimentos de dança; anatomia do corpo humano e cinesiologia do movimento humano aplicados à dança, noções de psicomotricidade, comportamento interpessoal; montagem coreográfica; criação de espetáculo de dança; profissionalização da dança de salão: o dançarino profissional, o coreógrafo, o professor; a dança de salão para crianças, jovens, adultos e idosos; o papel da dança no campo social, cultural, artístico e político.

Com esses conteúdos buscamos contemplar com nossas ações pedagógicas um conhecimento mínimo absorvido pelos alunos com vista a um fazer/pensar ou pensar/fazer a dança de salão de forma mais consciente, crítica e reflexiva, para que os alunos não caiam na ideia do fazer pelo fazer, do movimento pelo movimento, ou seja, como alguns dizem: “fiz, mas não sei o fiz, apenas copiei”.

Há quinze anos minha ação de ensino estava voltada apenas para as aulas diretivas e expositivas, onde o detentor do “conhecimento” está voltado apenas para a figura do professor. Até porque, no estabelecimento que eu ministrei aulas durante quatro anos, não abria espaço para discutirmos em reuniões sobre metodologias de ensino. Eu, como um dançarino, mostrava o que fazia enquanto movimentos de dança e depois os alunos copiavam, imitando com seus corpos o movimento do meu corpo, imprimindo nos seus corpos o meu caráter, impossibilitando que cada um expressasse seu próprio estilo ou personalidade enquanto dançavam.

Não havia planejamento de aulas, nem muito menos reuniões com os funcionários para discutir ou debater sobre o ensino da dança de salão. Considero esse momento como um período de certa obscuridade da minha ação como professor, mas, foi de relevante importância para refletir e avaliar a forma como eu iria me comportar depois daquele ponto em diante como professor de dança de salão.

Entre os conceitos, definições e processos abordados nesse texto, relato uma prática de ensino utilizada no núcleo educativo de dança o qual ministrei aulas mesmo antes de ingressar no curso de Educação Física. Por mais que soubesse que a espaço educativo de dança não se tratava de uma escola formal, percebi e entendi que era importante mudar a forma de como via alguns profissionais

abordando a dança em suas aulas e como algumas escolas exploravam esse campo de conhecimento.

Acredito que não aprendemos só com os acertos, mas com os erros também. Então quando surgiu a oportunidade para por em prática o que eu pensava sobre o ensinar alguém a dançar, após refletir sobre minha ação como professor de dança, não hesitei. No início, durante quatro anos, a falta de planejamento foi marcante para a mudança na minha forma de tratar as aulas de dança. Passavam-se anos e anos, e os alunos sempre viam as mesmas movimentações das danças, e todos os alunos eram obrigados a recomeçar do zero após um ano de aulas, ou ainda, se entrasse alguém novo no decorrer do ano, toda a turma também começava do zero. Isso era uma decisão tomada pelo proprietário do estabelecimento e, apesar de não achar coerente, éramos submetidos a essa prática. Então o primeiro pensamento foi que precisava planejar as aulas. Criar uma forma dos alunos perceberem uma evolução na dança, pelo menos enquanto praticantes.

Num segundo momento da minha vida no trabalho como professor de dança de salão, após ter passado quatro anos na primeira escola de dança e desligando-me desta, transcorreu um ano e meio e fundamos outra escola (espaço educativo), na qual procuramos adotar uma metodologia de trabalho que suprisse a demanda de alunos que estavam sedentos em saber mais, aclamando por conhecimentos que iam muito mais além do: “dois-pra-lá-dois-pra-cá”, ou o “vai-e-vem” e cruzados.

Primeiramente buscamos desenvolver uma forma de garantir aos alunos que após um ano de aulas, eles iriam viver novas experiências com outras movimentações de dança. Então após o primeiro ano dessa nova perspectiva dinamizamos as turmas em níveis de aprendizagem: turma de iniciantes e turma de iniciados, onde, a turma de iniciante se tratava de alunos que estivessem ingressando na escola e os que já eram da escola, vindos do ano anterior ingressaria na turma de iniciados.

As danças que abordávamos nesse período era apenas o bolero, o samba, o soltinho e as que compunham o forró: o xote, baião e marchinha (arrasta-pé). Em cada aula os alunos vivenciavam dois ritmos, onde na primeira parte explorávamos a técnica de um movimento específico de uma dança e na segunda parte era um

momento de prática das danças que eles haviam visto nas aulas anteriores, na qual eles dançavam entre si e tiravam dúvidas de movimentos com os professores. Essa segunda parte significava mais uma aula dialogada onde os alunos externavam suas dúvidas e medos para nós professores. O propósito era tentar mostrar para os alunos que eles eram capazes de dançar sozinhos sem o professor estar estabelecendo sequências prontas de movimentos dançantes.

Após dois anos dessas nomenclaturas (turma de iniciante e turma de iniciados) definindo o nível de aprendizagem, percebemos que os alunos começaram a dar continuidade no ano seguinte e apenas esses dois níveis ainda não estavam atingindo a demanda. Sendo assim nos reunimos no término desse segundo ano para buscar uma melhor solução para que os alunos que estivessem querendo continuar, mesmo após ter passado dois anos na escola, pudessem definitivamente ficar na escola sem ter a sensação de que iria repetir todo o processo. Foi então que tivemos a ousadia de determinar três níveis de aprendizagem: turma de iniciantes; turma de intermediários e turma de avançados.

Nesse último nível, os alunos começariam a ver outras danças, até então não trabalhadas na escola como a salsa e o tango. Nessa turma só entraria quem já estivesse passado dois anos na escola, ou seja, ninguém iria participar se não soubesse dançar nenhuma das danças do programa da escola para não termos que repetir as movimentações básicas do bolero, samba, soltinho, xote, baião e marchinha.

Após três anos, pensando que teríamos resolvido essa problemática da permanência dos alunos na escola ano após ano, veio à surpresa. Mais uma vez tivemos que repensar a dinâmica dos níveis de aprendizagem, pois, ao mesmo tempo em que os alunos seguiam adiante na escola, outros vinham chegando e após uma participação nas aulas sem compromisso terminavam por se matricular. Dessa forma tivemos que abrir mais de uma turma de iniciantes e como a procura aumentava, começamos a perceber que o número de turmas de outros níveis de aprendizado também aumentaria nos anos seguintes.

Pensando na qualidade do ensino e também na quantidade de pessoas que vinham buscando as aulas de dança de salão, chegamos a nos reunir mais uma vez e estabelecemos outra dinâmica de nível de aprendizagem, isso não quer dizer que

não podemos mudar daqui para frente, mas é a que está suprindo a necessidade dos alunos até o momento. Depois de algumas reuniões envoltas de discussões e pesquisas acerca da problemática da continuação dos alunos ano sobre ano na escola, definimos a seguinte dinâmica de nível de aprendizagem:

Quadro I – ORGANIZAÇÃO E COMPOSIÇÃO DAS TURMAS

TURMA	PÚBLICO ALVO
Iniciante I	Turma destinada aos alunos que estiverem ingressando na escola, onde, nessa turma uma pessoa poderia se matricular em qualquer período do ano;
Iniciante II	Turma destinada aos alunos que estiveram na turma de iniciantes I e que tivesse cumprido uma carga/horária de no mínimo 70% (setenta por cento) da frequência em aula;
Intermediário I	Turma destinada aos alunos que passaram pelas turmas iniciantes I e iniciantes II, nesse último o aluno também teria que apresentar uma frequência de no mínimo 70% (setenta por cento) de toda carga/horária anual de aulas;
Intermediário II	Turma destinada aos alunos que tivessem passado por todos os níveis anteriores e cumprido com a carga/horária mínima da última turma;
Avançado	Turma com as mesmas exigências das turmas anteriores;

Tratando dos conteúdos a serem trabalhados nas aulas de dança de salão e nos níveis de aprendizagem organizados pela escola de dança tivemos também que definir as danças que seriam abordadas em cada nível de aprendizagem. Muitos alunos da escola anterior na qual trabalhava e de outras escolas que ingressavam na atual reclamavam que era muito confuso o aprendizado da dança de salão porque a cada aula eles viam uma dança diferente não dando tempo necessário para eles assimilarem os movimentos de uma dança específica. Como a dança de salão é uma linguagem expressiva corporal/cultural que abrange de várias danças a dois, ficava praticamente impossível de aprendê-las em apenas um ano de aulas.

Para um melhor entendimento, lembremos que a dança de salão é considerada toda dança a dois em casal com abraço compartilhado e tendo como um dos objetivos um fim social. Então pensando dessa forma elaboramos um rol de danças a dois para serem abordadas na escola as quais: bolero; samba; soltinho; forró (xote, baião, marchinha); salsa; tango; rock; zouk; valsa; samba-rock; bachata

e merengue, são distribuídas em cada nível de aprendizagem. Não podemos considerar que todas as escolas de dança de Campina Grande abordam todas essas danças, pois, é comum cada espaço educativo de dança adotar sua metodologia, que não necessariamente é igual a outra.

Sendo assim, no início, procuramos dividir os níveis de aprendizagem da dança de salão na escola por uma quantidade mínima de danças como uma forma de confortar os alunos dentro de uma linha de aprendizagem na qual eles iriam aprendendo um pequeno número de danças por ano. Pensamos primeiramente nas danças que mais são praticadas em festas sociais na cidade como casamentos, bailes de formatura, etc., para que eles percebessem que, os movimentos das danças que eles estavam aprendendo em aula poderiam praticá-los também nos eventos sociais quando tivesse música e espaço para dançar, obviamente.

Resolvemos, pois, estabelecer a seguinte distribuição de danças por nível de aprendizagem:

Quadro II – ORGANIZAÇÃO DE REPERTÓRIOS POR TURMA

TURMA	DANÇAS
Iniciante I	Bolero, samba, soltinho e forró (xote, baião e marchinha).
Iniciante II	Todos os ritmos da turma de iniciante I com abordagem de movimentações mais complexas como giros duplos e deslocamentos no espaço e, acrescentamos duas danças novas: a salsa, no primeiro semestre; e o tango, no segundo;
Intermediário I	Da mesma forma eles continuariam desenvolvendo as danças das turmas anteriores, acrescentando movimentações básicas do rock no primeiro semestre e do samba-rock no segundo;
Intermediário II	Todas as danças dos níveis anteriores com abordagens de movimentos dançantes mais dinâmicas e versáteis e movimentações básicas de zouk, dança nova para o nível;
Avançados	Nessa turma os alunos poderiam vivenciar dentro das danças já abordadas movimentações com grau de dificuldade maior e começariam a estudar movimentações básicas de valsa.

Sendo assim, no ano em que terminou a primeira turma do nível avançado, após cinco anos, no ano seguinte mais outra surpresa, os alunos dessa turma quiseram continuar. Havíamos terminado o quinto ano de atividades da escola pensando que os alunos após cinco anos de aula de dança de salão iriam estar por

satisfeitos e deixariam a escola. Ingênua impressão a nossa! Foi quando realmente tivemos a noção do quão importante era o trabalho da escola na vida dessas pessoas. A partir desse ponto senti a necessidade de buscar conhecimentos mais aprofundados não só no campo da dança como atividade social, mas também, do corpo como sujeito dessa dança, onde a dança acontece e se desenvolve.

Apesar de estar sempre fazendo aulas de danças de salão em outras cidades e outros estados, na forma de oficinas e workshops, onde aprendíamos apenas alguns movimentos estabelecidos pelo profissional, movimentos esses fechados, também denominados de passos de dança, procurei uma formação que subsidiasse a minha ação em torno do ensino da dança. Uma formação que preenchesse a lacuna da ação pedagógica propriamente dita, onde eu pudesse entender os processos didáticos, as linhas pedagógicas da educação com seus princípios e métodos voltados para o ensino, enfim, uma formação que me fizesse sentir mais responsável pela a ação do ensino e pela formação das pessoas que buscavam o aprendizado da dança de salão. Foi então quando ingressei no curso de Educação Física.

Desse ponto em diante, reafirmamos nosso conceito sobre a importância do planejamento das aulas, como também, começamos a ter noções de anatomia humana, cinesiologia, fisiologia do exercício, práticas pedagógicas, filosofia da/na educação física, psicomotricidade, ensino da dança na escola (educação formal), dentre tantas outras disciplinas que vieram somar, agregar ao nosso conhecimento valores, definições, técnicas e metodologias realmente voltadas para a ação pedagógica. Começamos a utilizar em nossas aulas termos técnicos e terminologias específicas como, por exemplo, nomenclatura de ossos, articulações e grupos musculares participantes nos movimentos e nomenclatura desses movimentos como, flexões, extensões, rotações, etc.

Toda essa dimensão nas atividades que circundavam o ensino da dança de salão no nosso espaço educativo, não seria possível se concretizar se não fossem as reuniões para discutir as formas de ensino, os planejamentos pedagógicos apontando dos conteúdos a serem abordados em cada aula de cada nível de aprendizagem, enfim, o envolvimento de todos os funcionários no processo metodológico do espaço educativo de dança.

Segundo ARAÚJO (2013, p.57) planejamento consiste na organização das atividades didáticas de modo a contemplar, simultaneamente, as demandas impostas pela sociedade e, especialmente, o desenvolvimento do ser humano para atuar conscientemente nesta sociedade. Trata-se de desenvolver atividades que possibilitem aos indivíduos exercitarem sua autonomia, tanto por meio do discurso como também por meio de suas práticas, na construção de sua vida pessoal, profissional e social.

O ato de planejar deve estar vinculado com a realidade (LOPES, 1991). Planejar um caminho pedagógico a ser seguido não significa planejar uma aula, o que pode vir a ser um fator limitador (ZAMONER, 2004). Os conteúdos que não são mera técnica de dança precisam ser distribuídos com sabedoria e harmonia ao longo das aulas.

Nessa reflexão, os conteúdos apresentados anteriormente, consideramos que, as pessoas quando procuram por aula de dança de salão pela primeira vez, não estão muito interessadas na parte teórica ou artística. O que elas desejam mesmo é aprender a se movimentar obedecendo a uma cadência, um ritmo musical. Percebemos que por mais que abordássemos alguns conteúdos como história da dança, montagem coreográfica, profissionalização da dança, ou seja, conteúdos que no momento não iria satisfazer suas necessidades, com o passar dos anos estes alunos não se lembravam de nada ou quase nada.

No início o processo de aprendizagem da dança de salão é muito complexo principalmente para pessoas com dificuldade de assimilação rítmica, com coordenação motora pouco desenvolvida, pessoas com problemas de relacionamento por serem tímidas, etc. Essas são apenas algumas barreiras que encontramos de início nas turmas que se iniciam, sem mencionarmos a diversidade de pessoas que compõe uma turma. Todo esse cenário gera nos alunos certo tipo de ansiedade devido a uma mistura de sentimentos provocados pelo medo de errar perante os demais se confrontando com certo tipo de obrigação em fazer a movimentação certa para aprender logo.

No entanto, quando percebo que um aluno ou grupo de alunos estão carregados com esses sentimentos, fazendo com que seus corpos “travem” começo a descontraí-los dizendo: “vamos agora tentar realizar as movimentações sem medo

de errar e sem a obrigação de acertar”. Nesse momento eles riem, como se estivessem sentindo uma sensação de alívio e aproveitamento para dizer que eles precisam brincar com a dança e com a música para que esta possa fluir de dentro para fora.

Dessa forma, tentamos também organizar os conteúdos técnicos, teóricos, artísticos, sociais e culturais conforme cada nível de aprendizagem, explanado no quadro III. É importante salientar que o meu ingresso no Curso de Educação Física da Universidade Estadual da Paraíba, trouxe uma contribuição sem precedente e fundamental para otimizar o planejamento e o ensino da dança de salão.

Nos conteúdos teóricos, artísticos, culturais e sociais, em todos os níveis sempre há a abordagem das técnicas das danças correspondentes e a partir do nível iniciante II essas técnicas vão sendo melhoradas contemplando o despertar para movimentações mais dinâmicas e complexas. Para melhor compreensão segue quadro:

Quadro III – ORGANIZAÇÃO DE NÍVEIS DE APRENDIZAGEM/TURMA E CONTEÚDOS

Nível de aprendizagem/Turma	Conteúdos
Iniciante I	Noções técnicas de movimentos básicos de dança; noções básicas sobre música: o que é ritmo, compasso, andamento; Comportamento interpessoal (respeito ao outro e consigo mesmo, aspirando e praticando gentileza e cortesia para o ambiente de aula e nas dependências da escola se torne cada vez mais agradável);
Turma de iniciante II	Iniciação as técnicas de diálogo corporais (conduzir e ser conduzido) nesse ponto começamos a falar um pouco de Anatomia e Cinesiologia; História das danças;
Turma de intermediário I	Musicalidade: os alunos começam a interpretar as músicas expressando corporalmente as variações melódicas musicais (tempos, contratempos, pausas, andamentos, etc.); Dinâmicas para desenvolver as técnicas de diálogos corporais (tato, contato, visão, audição); Montagem Coreográfica, quais os processos e meios para uma composição coreográfica;
Turma de intermediário II	Psicomotricidade (fatores internos e externos ao corpo humano que influenciam este direta ou indiretamente nos movimentos na dança); Montagem coreográfica;
Turma de avançados	Profissionalização da dança; Gêneros da dança de salão (gênero latino; gênero europeu; gênero americano e danças

	brasileiras);
Turma para discussões e práticas	O papel da dança de salão (campo social, cultural, artístico e político); A Dança de Salão nas diversas faixas etárias e o seu poder de (trans)formar pessoas; A Dança de Salão no cenário político.

Identificamos no quadro os conteúdos novos que são abordados em cada nível de aprendizagem, pois, desde as Turmas de Iniciante II os alunos continuam tendo acesso aos conteúdos dos anos anteriores, onde, procuramos abordá-los com um pouco mais de discussão e aprofundamento.

Reafirmando assim nossa credibilidade diante dos alunos e pensando ainda que já teríamos resolvido de uma vez por todas a questão dos níveis de aprendizagem, após o quinto ano de aulas, os alunos que estavam na turma de avançados resolveram continuar e o número de alunos entrando na escola não parava de aumentar. Então criamos uma turma, que ainda não sabemos bem a denominação, que poderia ser o último nível de aprendizagem, para os alunos permanecerem como uma forma de aprofundarem ainda mais o conhecimento em torno da dança de salão . Sendo assim, nessa turma aplicamos um programa de aula um pouco diferenciado das demais, discutindo, debatendo sobre todo assunto que envolve não só a dança de salão, como também a dança no âmbito geral, na sua prática enquanto atividade social, artística, cultural, intelectual e política.

Quadro IV – ASPECTOS NORTEADORES DO NÚCLEO EDUCATIVO NA ATUALIDADE

Turma	Público alvo	Danças/Repertórios	Conteúdos específicos dos Repertórios
Iniciante I	Alunos novatos	Bolero, Samba, Soltinho, Forró.	Técnicas de movimentações específicas, comportamento interpessoal.
Iniciante II	Alunos com um ano de frequência na escola	As danças da turma anterior e duas novas: Salsa e Tango.	Técnicas mais elaboradas, aspectos históricos, abordagem sobre anatomia e cinesiologia.
Intermediários I	Alunos de descendentes de Iniciantes II	Danças das duas turmas anteriores e: Rock e Samba-rock.	Musicalidade; dinâmicas para desenvolver as técnicas de diálogos corporais; composição coreográfica.

Intermediários II	Alunos da turma de Intermediários I	Além das danças dos anos anteriores, Zouk e Bachata.	Aprofundamento nos conteúdos abordados nos anos anteriores.
Avançados	Alunos advindos de Intermediários II	Todas as danças incluindo agora a Valsa	Profissionalização da dança; gêneros da dança de salão, suas características e influências.
Turma para prática continuada	Alunos de avançados e possíveis convidados	Todas as danças abordadas nas turmas anteriores e alguma dança que venha a surgir nos cenário atual	Discussões sobre o papel da dança de salão na sociedade; a dança de salão nas diversas faixas etárias;

Destaca-se que durante a análise e discussão deste estudo, foi definida uma nomenclatura para a turma depois do nível avançado tendo em vista que os alunos mesmo após cinco anos de estudo em dança de salão continuaram na escola. Essa turma para prática continuada é uma turma que permanece há dez anos na escola.

Tivemos também a preocupação em proporcionar aos alunos uma forma, ou meios deles colocarem em prática o aprendizado dos conteúdos tratados em aulas. Dessa forma elaboramos um calendário de eventos extra-aulas que confere, por ordem cronológica de criação:

1. Primeiro ano - Mostra de Dança: os alunos são convidados a participarem no final de cada ano de um espetáculo de dança onde eles apresentam uma coreografia criada pelos professores das danças correspondente a cada turma;
2. Segundo ano - Bailes: realizados bimestral ou trimestralmente para que os alunos possam ter um momento de confraternização e interação com outras turmas e que possam por em prática as técnicas desenvolvidas em aulas. Durante esses bailes não realizamos apresentações de danças, prática comum em algumas escolas, pois, entendemos que este é um momento de descontração, interação e confraternização entre as turmas;
3. Quarto ano - Semana da Dança: dedicamos uma semana toda, em que está inserido o dia 29 de abril para exibição de filmes afins, seminários realizados pelos próprios alunos e ciclo de palestras e debates com convidados de outras

instituições, pública ou privada que trabalham direta ou indiretamente com dança e outras artes que abordam o tema dança como artes plásticas, música, etc;

4. Quinto ano - Encontro de Danças: momento em que convidamos profissionais de dança de outras cidades e estados para interagir com os alunos promovendo aulas e apresentações de dança num espetáculo que reúne todos os convidados e professores da escola e, um baile, para que os alunos reafirmem que a dança de salão é uma linguagem corporal, pois eles dançam com pessoas de outras cidades e se entendem enquanto dançam;

5. Oitavo ano – Baile temático: nesse baile, especificamente, realizado sazonalmente uma vez por ano, onde os alunos tem a oportunidade de se apresentarem com uma coreografia criada por eles mesmos. As danças apresentadas tem que fazer parte do contexto do baile, por exemplo, já fizemos o baile com o tema: “Uma Noite em Buenos Aires”, onde alunos apresentaram coreografias de danças características desses lugares. Os professores participam efetivamente lançando a discussão e pesquisa sobre as danças de salão que fazem parte do cenário proposto pelo tema do baile.

Essas atividades são realizadas a cada semestre do ano. No primeiro realizamos o Baile Temático e a Semana da Dança e, no segundo semestre o Encontro de Danças e a Mostra de Dança. Os bailes, vamos assim dizer, normais, são realizados bi ou trimestralmente como foi relatado anteriormente.

A avaliação do processo ensino/aprendizagem, ferramenta pedagógica de grande valia e muito discutida em todos os cursos de licenciatura, não é realizada diretamente por nós professores como uma forma de habilitar, determinar se um aluno é capaz, ou não, de passar para o próximo nível de aprendizagem. Como trabalhamos numa perspectiva educacional sócio-interacionista-construtivista, os alunos ao final de cada ano, fazem, juntamente com o professor, uma auto-avaliação, apontando as limitações ainda não bem resolvidas e também os conteúdos absorvidos e desenvolvidos do nível ao qual participou.

Nesse processo de passagem de um nível para outro, o pré-requisito que efetivamente cobramos para ascensão do nível de aprendizagem, é a porcentagem mínima de frequência nas aulas. Entretanto, há casos em que o aluno, mesmo com os professores sabendo que apesar dele ter a carga/horária atingida e não tendo

condições técnicas de passar para outro nível, insiste em avançar. Mas há também alunos que reconhecem a limitação técnica e resolve ficar no mesmo nível. Por exemplo, há várias pessoas de idade mais avançada que há certo tempo chegaram ao nível intermediário I e ficaram por alguns anos nessa turma até sentirem um pouco mais de confiança e segurança para avançar de nível.

Existem também casos em que o aluno insiste em ascender o nível de aprendizagem, mas, pede para ficar fazendo aulas nas turmas anteriores como uma forma de reforço. Entendemos, nesses casos, que há uma linha tênue entre a vaidade, o ego e a real situação de desenvolvimento do aluno quando tratamos da passagem de nível. Percebemos que alguns alunos não gostam de permanecer no mesmo nível de aprendizagem, mesmo sendo necessário na nossa concepção, por achar que se trata de certo rebaixamento, passando um sentimento de vergonha perante os outros.

Chegando nessa situação, explicamos para os alunos que um dos objetivos no nosso trabalho com o ensino da dança de salão não é primordialmente a dança performática ou o estético da dança. Vemos a dança também com o objetivo social, e que o aluno precisa primeiramente se sentir bem e confortável como ele mesmo e com os outros realizando tal atividade. Numa conversa franca, fazemos uma espécie de retrô com relação à chegada dele na escola, lembrando o primeiro dia de aula, mostrando o quanto ele desenvolveu em todos os aspectos técnicos, sociais e intelectuais no âmbito da dança de salão e no espaço da escola.

Dessa forma procuramos refutar qualquer sensação que venha interferir no sentimento do aluno com relação à dança em se sentir incapaz ou inferior a qualquer outrem, pois, sentimentos como estes podem fazer com que o aluno saia da escola e não queira dançar nunca mais.

Entendemos que o ensino da dança de salão é um processo educativo no qual o professor, quer seja na educação formal ou não formal, deve e precisa dominar uma extensa gama de conhecimentos do campo da educação, da saúde, das ciências sociais, da cultura e da arte (Zammoner, p. 18), para desenvolver em seus alunos o desejo de construir um fazer/pensar acerca da dança de salão no sentido de fomentar o estudo, a prática e a pesquisa continuada desta área de conhecimento.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho trouxe como uma de suas problemáticas *o que é ser professor de Dança de Salão em outros espaços/núcleos educativos*. Com base na experiência vivida acredito que ser professor é intervir pedagogicamente no ensino da dança mediando às perspectivas e desejos dos alunos a dar outros sentidos à apropriação não somente da técnica do movimento, mas também em seus aspectos históricos, sociais, culturais e artísticos. Significa ainda, de uma prática cotidiana entre planejamentos e avaliações constante entre o que foi apresentado como conteúdo e aprendido pelos alunos.

O professor de Dança de Salão também pode e deve proporcionar reflexões aos seus alunos sobre modo de vida, percepções sobre dança de salão, gerando neles, além da perspectiva do aprender passos de dança, o desejo de desbravar o conhecimento teórico e até filosófico deste campo de conhecimento. Neste espaço educativo, acreditamos que o professor também tem o poder de transformar, de contribuir na (re)configuração das perspectivas de vida de seus alunos.

Nesse sentido, e respondendo a outra questão de estudo: *a função social da escola de dança*, compreendemos a escola de dança como um núcleo educativo, de apropriação e reflexão sobre os diferentes estilos de dança. Logo, esse outro espaço que também se configura como educacional revela-se, para nós, produtor e facilitador de experiências múltiplas que envolve a expressividade e sensibilidade do corpo para apreciação da dança e estabelece diferentes formas de estar e dançar com o outro. Esse espaço educativo deve ser entendido como espaço também de construção do saber, de socialização, de ensino da dança que veicule ideias, concepções e valores relacionados à forma de organização das classes sociais e produção cultural, contemplando gerar um processo de renovação do ser pela emancipação possível.

Na medida em que o aluno percebe que está desenvolvendo o aprendizado da dança, encarando seus medos, vencendo suas frustrações, participando do processo educativo da dança ativamente, interagindo com o outro, expressando-se corporalmente criando suas próprias sequências de movimento, este começará a

sentir-se melhor no/com o mundo em sua volta tornando-se um ser mais criativo, reflexivo e crítico.

Desta forma, diante da terceira problemática apresentada pelo estudo: *quais apontamentos pedagógicos podem nortear o ensino da dança de salão em outros espaços/núcleos educativos*, o estudo anuncia os seguintes eixos pedagógicos: 1) Planejar, executar e avaliar; 2) Reconhecer as perspectivas e interesses dos alunos; 3) Identificar suas percepções sobre a dança de salão; 4) Em meio aos repertórios da dança de salão, despertar os alunos para a importância da apreciação, repetição e entendimento da técnica da dança abordada; 5) Aos poucos, durante a vivência do repertório da dança, trazer aspectos que norteiam e ilustram a história das danças de salão, sua influência nas relações sociais e o uso na contemporaneidade; 6) Sensibilizar o corpo em sua anatomia e aspectos cinesiológicos diante da execução do movimento da dança; 7) Ampliar e aguçar a dimensão musical dos alunos entrelaçando à expressão corporal; 8) Possibilitar experiências com outras formas de movimentos não-determinados com base na improvisação; 9) Reconhecer e incentivar a capacidade criativa de seus alunos no processo de composição coreográfica; 10) Mediar a apropriação crítica sobre a Dança de Salão na atualidade, no cenário social e artístico; 11) Ousar com outras metodologias de ensino, sugerindo a apreciação e discussão de filmes que tratam a dança, além do incentivo de apreciação de espetáculos de dança; 12) Compreender o papel social do espaço educativo e entender que a intervenção do profissional é pedagógica, mesmo numa instituição em que o aluno “paga” por um serviço específico: aprender a dançar.

Espera-se com este trabalho que trouxe à reflexão a descrição da intervenção pedagógica para o ensino da dança de salão num núcleo educativo possa contribuir com a prática profissional daqueles que também estão em outros espaços educativos, como as escolas específicas de dança, diante da necessidade de pensar sobre o saber/fazer, na busca incessante pelo conhecimento que nunca está fechado em si mesmo, na função de também educar e contribuir na formação humana e desenvolvimento intelectual de seus alunos. Bem como, possa nortear o planejamento, execução e avaliação das aulas de Estágio Supervisionado IV do Curso de Educação Física da EUPB, em que os graduandos irão vivenciar a prática pedagógica em outros espaços educativos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Suzana Silveira. **Formação para o trabalho gentilmente priorizando a formação humana**. In: Meta: Avaliação. RJ, v.1, n.1, p. 28-43, jan./abr./2009. Disponível em: www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid...script=sci_arttext. Acesso em: 02/03/2014.

ASSIS, Renata Machado de; BARROS, Marcos Oliveira; CARDOSO, Natália Santos. **PLANEJAMENTO DE ENSINO: ALGUMAS SISTEMATIZAÇÕES**. Itinerarius Reflectionis, [S.l.], v. 1, n. 4, mar. 2013. ISSN 1807-9342. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/index.php/ritref/article/view/20404>. Acesso em: 02 Mar. 2014.

ARAÚJO, Maria Dalva de Oliveira. **Processo didático: planejamento e avaliação**. Campina Grande – PB. ADUEPB, 2013.

BARRETO, Débora. **Dança..., ensino, sentidos e possibilidades na escola**. 3 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

BREGOLATO, Roseli Aparecida. **Cultura corporal da dança**. São Paulo: Ícone, 2000.

CARMO, Apolônio Abadio do. Educação Física: uma prática revisitada. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro; CARDOSO, Maria Helena Fernandes (orgs.). **Escola fundamental: currículo e ensino**. 2 ed. Campinas, SP: Papirus, 1995.

COSTA, Elaine Melo de Brito. **Pensando o corpo e o movimento**. 2 ed. Rio de Janeiro: Shape Editora, 2005.

DANTAS, Estélio H. M. (org.). **Pensando o corpo e o movimento**. 2 ed. Rio de Janeiro: Shape Editora, 2005.

FARO, Antonio José. **Pequena história da dança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1986.

FERNANDES, Renata Siero; GARCIA, Valéria Aroeira. **Educação não-formal: campo de/em formação**. In: RPD – Revista Profissão Docente, Uberaba, v.5, n. 13, p. 14-28, jan./set. 2006. Disponível em: [www.revistas.uniube.br/capa/v.6,n.13\(2006\)>Fernandes](http://www.revistas.uniube.br/capa/v.6,n.13(2006)>Fernandes). Acesso em: 02/03/2014.

FONTANA, Roseli Ap. Cação. **Mediação pedagógica na sala de aula**. 4 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 11 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALLAHUE, D.L. & DONNELLY, F.C. **Educação física desenvolvimentista para todas as crianças**. São Paulo: Phorte editora, 2008.

GARCIA, Valeria Aroeira. **O papel do social e da educação não-formal nas discussões e ações educacionais**. Disponível em: http://am.unisal.br/pos/stricto-educacao/pdf/mesa_8_texto_valeria.pdf. Acesso em 06/2014.

GASPARI, T. C. **Educação Física Escolar e Dança**: uma proposta de intervenção. 2005. 168f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) - Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. - São Paulo: Ed. Atlas, 2002.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. – São Paulo: Atlas, 1999.

GOHN, Maria Glória. **Educação não-formal, educador(a) social e projetos sociais de inclusão social**. In: Meta: Avaliação/ Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 28-43, jan./abr.. 2009. Disponível em: metaavaliacao.cesgranrio.org.br/index.php/metaavaliacao/article/.../1/5. Acesso em: 02/03/2014.

HAITD, Regina Célia Cazaux. **Curso de didática geral**. 7 ed. São Paulo: Editora Ática, 2001.

HAITD, Regina Célia Cazaux. **Curso de Didática Geral**. São Paulo: Ática, 1994, p. 286-319. Relação Funcional entre objetos e avaliação.

HERMIDA, Jorge Fernando; ZOBOLI, Fabio (orgs.). **Corporeidade e Educação**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012.

LABAN, Rudolf. **Domínio do movimento**. 5 ed. São Paulo: Summus, 1978.

LIBÂNEO, José Carlos. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1992.

LOPES, Antonia Osima. Planejamento do ensino numa perspectiva crítica da educação. In: Repensando a didática. Campinas, SP: Papirus, 1991.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

MAIA, M. A. C.; VÁGULA, S.; SOUZA, V. F. M.; PEREIRA, V. R. **Estudo comparativo da agilidade entre praticantes de Dança de Salão**. *Sábios Revista de Saúde e Biologia*. Campo Mourão, v. 2, n.2, 2007. Disponível em: <http://revista.grupointegrado.br/revista/index.php/sabios2/article/viewPDFInterstitial/62/28>>. Acesso em: 20 dez. 2013.

MARQUES, Isabel A. **Dançando na escola**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. **Ensino de dança hoje:** textos e contextos. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. **Interações: crianças, dança e escola** / Isabel A. Marques; Josca Ailine Baroukh, coordenadora; Maria Cristina Carapeto Lavrador Alves, organizadora. São Paulo: Blucher, 2012 – Coleção InterAções.

MELO, Victor Andrade de. **Educação do corpo – bailes no Rio de Janeiro do século XIX: o olhar de Paranhos.** Universidade Federal do Rio de Janeiro. RJ. Brasil. Revista Educ. Pesqui., São Paulo, Ahead of print, fev. 2014.

NANNI, Dionísia. **Dança – Educação** – pré-escola à universidade. 4 ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2003.

OSSANA, Paulina. **A educação pela dança.** Tradução de Norberto Abreu e Silva Neto. São Paulo: Summus, 1988.

PERNA, Marco Antonio Lemos (org.). **200 anos de Dança de Salão no Brasil.** V 1, n 1. Rio de Janeiro: Amaragão Edições de Periódicos, 2011.

_____. **Samba de Gafieira:** a história da dança de salão brasileira. 2 ed. Rio de Janeiro: O autor, 2002.

RIED, Bettina. **Fundamentos de Dança de Salão:** Programa Internacional de Dança de Salão; Dança esportiva Internacional. Londrina: Midiograf, 2003.

VARGAS, Lisete Arnizaut Machado de. **Escola em dança:** movimento, expressão e arte. Porto Alegre: Mediação, 2007.

VECCHI, R. L. **Ensinar para Compreensão:** proposta de uma fundamentação teórica para educação física escolar. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2006.

VERDERI, Érica. **Dança na Escola – uma Proposta Pedagógica.** São Paulo: Phorte Editora, 2009.

VILLARI, J.; VILLARI, K. S. **Discoteca: aprenda as danças da moda.** Rio de Janeiro: Record, 1978.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar.** Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda., 1998.

ZAMONER, Maristela. **Dança de Salão:** a caminho da licenciatura. Curitiba: Prottexto, 2005.